

COMO SE FOSSE DE ARGILA

FÁTIMA OLIVEIRA



FÁTIMA OLIVEIRA

*como se
fosse de
argila*



editora**ifrn**

Natal, 2018

Presidente da República
Michel Temer

Ministro da Educação
Rossieli Soares da Silva

Secretário de Educação Profissional e Tecnológica
Romero Portella Raposo Filho



INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Norte

Reitor
Wyllys Abel Farkatt Tabosa
Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação
Márcio Adriano de Azevedo
Coordenadora da Editora IFRN
Darlyne Fontes Virginio

Conselho Editorial

Albino Oliveira Nunes
Alexandre da Costa Pereira
Anderson Luiz Pinheiro de Oliveira
Anisia Karla de Lima Galvão
Auridan Dantas de Araújo
Carla Katarina de Monteiro Marques
Cláudia Battestin
Darlyne Fontes Virginio
Emiliana Souza Soares Fernandes
Fabrícia Abrantes Figueredo da Rocha
Francinaide de Lima Silva Nascimento
Francisco das Chagas Silva Souza
Fábio Alexandre Araújo dos Santos
Geneveva Vargas Solar
Jeronimo Mailson Cipriano Carlos Leite
Jose Geraldo Bezerra Galvão Junior

José Augusto Pacheco
José Everaldo Pereira
Jozilene de Souza
Jussara Benvindo Neri
Lenina Lopes Soares Silva
Luciana Maria Araújo Rabelo
Maria da Conceição de Almeida
Márcio Adriano de Azevedo
Nadir Arruda Skeete
Paulo de Macedo Caldas Neto
Regia Lúcia Lopes
Rejane Bezerra Barros
Rodrigo Siqueira Martins
Sílvia Regina Pereira de Mendonça
Valcinete Pepino de Macedo
Wyllys Abel Farkatt Tabosa

Projeto Gráfico e Diagramação
Bruno Andrade Pinto

Coordenação de Design
Charles Bamam Medeiros de Souza

Revisão Linguística
Rodrigo Luiz Silva Pessoa

Ilustração da capa: Franklin Oliveira
Capítulos: Wang Xi (Unsplash)

Edição eletrônica: E-book
Prefixo editorial: 94137
Linha Editorial: Acadêmica
Disponível para *download* em:
<http://memoria.ifrn.edu.br>



Contato

Endereço: Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol.
CEP: 59015-300, Natal-RN.

Fone: (84) 4005-0763 | E-mail: editora@ifrn.edu.br



Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.

As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores.
É permitida a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.

O48c Oliveira, Fátima Maria de.
Como se fosse de argila / Fátima Maria de Oliveira; capa de Franklin Oliveira; projeto gráfico e diagramação Bruno Andrade Pinto; coordenação de design Charles Bamam Medeiros de Souza; revisão linguística Cêlio José Fiel da Silva Junior. – Natal: IFRN, 2018.
115 p : il.

ISBN: 978-85-94137-41-8

1. Literatura brasileira. 2. Literatura brasileira – Contos. 3. Literatura potiguar. I. Oliveira, Fátima Maria de. II. Título.

CDU 82(81)34

Catálogo da publicação na fonte elaborada pela Bibliotecária
Patrícia da Silva Souza Martins – CRB: 15/502

Esta obra foi submetida e selecionada por meio de edital específico para publicação pela Editora IFRN, tendo sido analisada por pares no processo de editoração científica.

Sumário

06	Prefácio
07	As Flores de Manuela
15	Uma Janela para Helena
21	Como se Fosse de Argila
27	O Vestido
37	É Fogo de Mulher Rendêra
45	Cheiro de Cuité Verde
50	Saudade de Mãe
55	A Mãe de Ícaro
62	Arabela
65	A Casa
69	A Blusa Verde
73	O Quadro
76	A Cacimba
80	Meu Amor Líquido
85	Ansiedade
93	Olhos d'Água
100	Em outra Estação
104	Os Homens Delas
108	Em um Canto
111	A Mochila Amarela

PREFÁCIO

Resta-nos a dureza do concreto, os rostos fatigados pelas chegadas e idas, das veleidades contidas do dia, em meio às calçadas pouco confortáveis do lugar que nos parece seguro. Resta-nos o velho novo ou o novo velho que de tão gasto parece inerte, mas beija e traga a aventura da convivência. Resta-nos a cidade, que paira além daquele mar de luzes nos convidando a também sonhar. Resta-nos o canto guardado profundo do amor em trânsito, só visível a dois...

É chegada a hora de sair, de transpor os muros, mesmo os mais embrutecidos. Escutem as vozes da rua, o eco dos pensamentos, das vontades guardadas em espaços três por três. Elas transpiram pelas janelas, respingam salivas raivosas, nervosas... Desejam! Estarão entre as flores de Manuela ou entre as árvores resguardadas dos olhos de Arabela? Talvez na estrada onde a brisa é salgada e o vento maresioso. Talvez moldadas pela massa, feito argila, longe ou perto das inúmeras fantasias que nos embalam há mil e uma noites. Sintam o seu cheiro! Estão sobrevoando ao nosso redor.

*As flores de
Manuela*

As flores de Manuela

O tédio da tarde encontrava um sol avassalador, lá fora. Decidi ir à praia e esquecer tudo. Talvez esse fosse o melhor jeito de não pensar nas últimas frustrações.

Andei cerca de quinhentos metros até sentir a areia fria, lavada pela água do mar. Sentei-me. Fiquei ali, a olhar para o vazio.

Peguei um cigarro que havia levado comigo. Não tinha o hábito de fumar, mas alguns momentos despertavam-me a vontade. Na boca, senti o gosto forte do fumo, enquanto tentava acendê-lo com o meu despreparo com isqueiros. Após várias tentativas consegui. Dei a primeira baforada e me retardei olhando para a fumaça que se diluía com o vento. Meus amigos faziam isso. Sorri com a situação, sentia-me ridiculamente amparada pela tentativa de imitá-los. Olhava para o céu como se quisesse ver até o último sinal de fumaça que havia lançado.

Não sei quanto tempo depois, um cheiro forte, de ervas verdes, se instalou em minhas narinas. Lembro-me que fechei os olhos e aspirei-o intensamente. O cheiro me fez lembrar muitos anos atrás.

– Nossa! Esse perfume parece muito com uma colônia que usava na adolescência, pensei alto.

– Mesmo? Uso-o há muito tempo, nem lembro quanto.

Havia alguém ali. Eu não havia me dado conta. Olhei para o lado direito e lá estava ela, sentada próximo a mim. Seu rosto era familiar, mas não consegui lembrar-me de onde a conhecia. Seu nome era Manuela, disse-me.

Parecia ter a minha idade, talvez um pouco menos. Tinha pele branca, mas com um tom bronzeado, seus cabelos eram bem ruivos, encaracolados e longos. Era baixa, magra e falava com muita altivez.

– Vim aqui encontrar uma história.

– Sim? Você é jornalista? Respondi sem muito interesse.

– Não! Conto histórias de mulheres que voam. Falou-me!

Olhei-a intrigada, mas não dei bandeira para não continuarmos a conversa. Estava a fim de continuar minha vigem solitária. Mas ela não parecia se preocupar com isso e prosseguiu.

– Não costumo vir aqui à tarde, prefiro as noites de lua cheia. Os ventos são mais brandos e a meia claridade revela coisas e escondem outras que não desejamos ver. Mas há algumas noites venho e não consigo encontrá-las, hoje resolvi vir agora e encontrei você.

Ela realmente queria começar um papo, mas eu, não. Poderia me levantar e sair, mas ela poderia ir atrás de mim e eu teria que demandar mais energia do que tinha naquele momento, para mandá-la embora. O melhor jeito de escapar era mostrar desinteresse, não escutar as loucuras dela, sair do lugar, mesmo estando ali. Embora estivesse encantada

com aquela imagem ruiva à luz do luar, pairando em minha imaginação.

Continuei a fumar e olhar para fumaça para mostrar-lhe que não estava interessada.

Ela desatou a falar:

– Sento aqui e um tapete de flores me leva até lugares que nunca fui para encontrá-las e ouvir as suas histórias. Elas me dão as suas histórias para que eu as leve para outros lugares, através de meus contos.

Não aguentei mais calada tão absurda era a história e ri, ri muito sem quase parar. Imaginava a situação idílica, paradisíaca, seriam as mil e uma noites?

– Ridículo! Escapou, desculpe-me! Disse-lhe meio sem jeito.

Ela olhou-me serena e nesse momento pude ver bem os seus olhos. Pareciam duas poças que afundavam em profundo cinza. Lembro-me que tive calafrios com a visão.

Ela não me deu bola. Deu de ombros e falou.

– Conto histórias para fazer voar, enquanto conto, eu estarei viva.

– Só falta você me dizer que, durante as noites, surge um Sultão para que lhe conte tais histórias, sob pena de morrer. Respondi.

– A morte é uma preocupação de quem não vive, ou de quem busca a felicidade completa sem viver o que a vida lhe oferece. Falou-me com muita convicção.

– Nossa! É assim que você embala as noites do Sultão? Retruquei com ironia e retornei ao meu confinamento com o fumo.

– Você deseja muito e por isso se frustra com facilidade. Disse-me!

– Moça, dê-me licença! Quero fumar, ficar sozinha. Não tenho nada para te oferecer, ok? Disse-lhe chateada com a intromissão.

Ela sorriu com uma intimidade apavorante. Continuou a falar com suavidade, como se eu não estivesse ali. Naquele momento, olhei para ela sem escutá-la, procurando algum caminho que pudesse resolver o impasse. Mas não conseguia sair, levantar-me dali, ir embora. Parecia que o tempo havia me prendido a ela, às suas histórias.

Em algum momento ouvi-a falar de Helena, de sua vida desencontrada com o marido, de sua escapulida para um guichê de rodoviária. Olhei desconfiada, mas pensei, era coincidência, Helenas existem várias, eram comuns. Ela não conhece o meu conto. Não o publiquei.

Fiquei atenta. Ela começou a falar de uma blusa verde, de D. Lourdes, de Veras, de Arabela... Interrompi-a.

– Como você sabe delas?

– Delas?

Ela riu, saboreando a conquista.

– É! Das histórias, das personagens? Eu não mostrei a ninguém.

Ela sorriu. Desarmava-me. Seu sorriso era puro, sereno, lembrava-me algo bom, indefinido. Algo que se preenchia dentro de mim, confuso, mas cheio de emoção.

– Quem é você? Perguntei intrigada.

Ela levantou-se, deu alguns passos em direção ao mar. Seus cabelos ruivos esvoaçavam como atijando fogo com a luz do sol. Tranquilamente, disse:

– Sempre existe uma linha do horizonte onde existe o mar.

Virou-se para mim e continuou:

– Sempre existe uma janela em nossas histórias.

Falou, andou em direção às escadarias e sumiu na rua.

Fiquei paralisada, não consegui chamá-la, sair do lugar. Por alguns instantes achei que o tempo não havia passado, que eu não estava ali. Quem escreveu uma janela para Helena fui eu. Não sabia se pensava no fato ou em suas palavras. Que encontro estranho! Que garota estranha! Mas por que ela me parecia familiar? Os pensamentos vinham desencontrados. Eu estava atônita.

Larguei a ponta do cigarro que ainda persistia em ficar entre os dedos. Que viagem foi essa? Tudo era muito vivo e presente. Dei-me conta que o cheiro de erva verde, de minha adolescência, parecia até mais forte com a sua ausência.

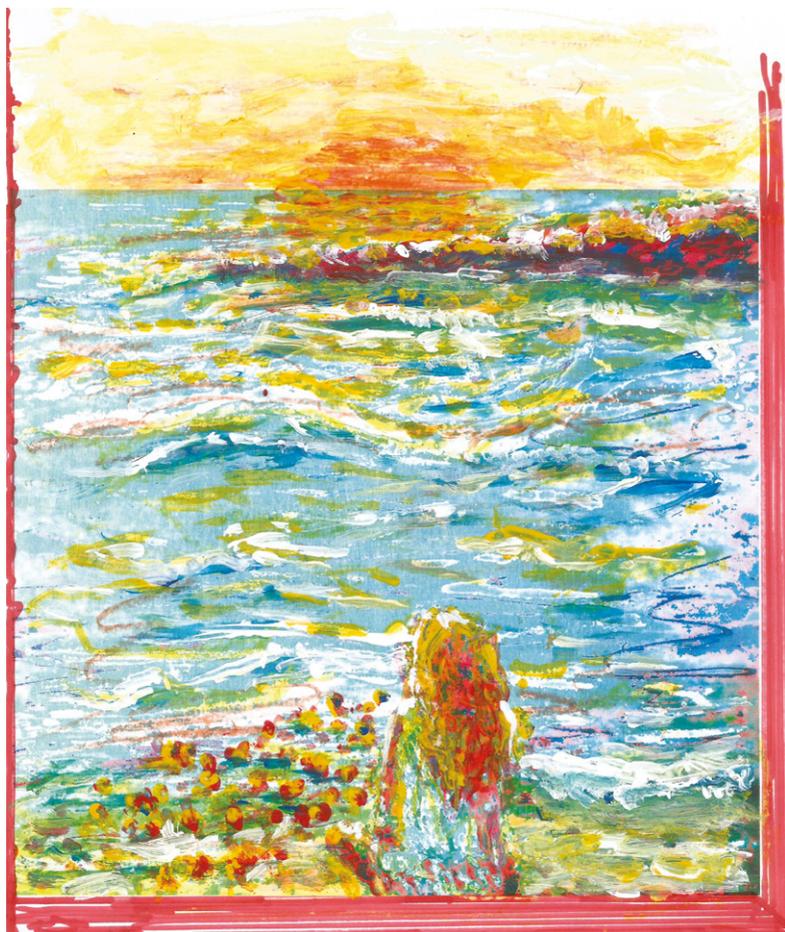
Não, não queria pensar. Tudo que precisava era relaxar. Estava muito cansada das cobranças, das demandas pela sobrevivência, era isso. Naquele momento, queria deixar-me levar completamente pelo cheiro e pelo mar. Afinal, foi para isso que havia ido à praia, para não pensar. Mas, como poderia esquecer aquele encontro estranho?

O som do mar aliviava aquela incerteza. O sal, os respingos da água... De repente, algo suave roçava os meus pés. Olhei em volta e quase não acreditei no que vi: flores, muitas, coloridas de vários tipos cintilavam com a luz do sol. Havia um imenso tapete de flores na areia, estendido até as escadarias.

Como escreveu Jorge Luís Borges em seu conto o outro, "o outro me sonhou e por isso pôde me esquecer, eu conversei com ele na vigília e a lembrança ainda me atormenta".

No outro dia, no mesmo horário, voltei à praia. Não a encontrei, mas quando dei por mim percebi que aquela figura intrigante era parte de mim.

Sai, e a vontade de retomar o que havia deixado para trás me tomou por inteira.



*Uma janela para
Helena*

Uma Janela para Helena

Mais uma vez à janela, o viu entrar no prédio. Gostava de vê-lo chegar com seu andar apressado, cabisbaixo e voltado para sabe-se lá que pensamentos. Ela já o imaginava esperando o elevador, olhando para a porta, impaciente. Entrava, olhava bem dentro do olho, no espelho de fundo, dava as costas, talvez se dando conta que alguém o observava. Geralmente não encontrava ninguém no elevador e quando encontrava falariam do frio, do ar ruim, do cansaço do dia. Ele abria a porta de acesso ao andar, subia ainda alguns degraus e acendia a luz do corredor que sinalizava, enfim, sua chegada em casa. Girava a maçaneta da porta para observar se estaria aberta. “Não, não era provável”. Com a chave já nas mãos abria então a porta. Helena estava lá quieta a olhar para ele. Entrava, dava-lhe um beijo de boa noite e perguntava-lhe sobre o seu dia. Ela o olhava serena. Os cabelos pretos e desalinhados, meio caídos ao rosto, davam-lhe um jeito sensual. Era pequena, nem gorda nem magra. Sentada no único sofá da sala acompanhava as cenas na televisão. Respondia-lhe geralmente com um “bom!”, ou com uma sacudida de ombros e um “normal!”. Ia à cozinha esquentar o jantar e levava-o para frente da TV. Os dois ficavam ali até os olhos pesarem e o corpo pedir para deitar. Ela sempre saía primeiro e ele a encontrava em sono profundo. Bem, se profundo, não sabia ao certo, mas não era importante, era assim.

Seu dia começava cedo. Levantava com o cheiro de café invadindo o quarto. Meio sonolento entrava no banheiro e... A partir daí toda a semana esticava-se sem muita novidade, mas se considerava até ali, um homem feliz. Já ela, sempre tentava acordar mais cedo para caminhar, mas nunca conseguia, e ia arrastando o dia sem muito novo a fazer. Preparava um café, bebia com alguma coisa, em seguida pensava no almoço, enquanto lavava a louça. Comia e voltava ao quarto, desta vez para a janela. Olhava as pessoas em baixo. Gente agasalhada passando, comendo, correndo. “Sempre correndo!” Escolas recebendo alunos, garagens se abrindo para passagens de carros, pessoas fazendo ginástica, em um grande pátio com piscina. Algumas até se atreviam a ficar de biquíni, apesar do frio, aproveitando um pouco do sol. Ela passeava os olhos sobre a rua e seu movimento. Observava outras mulheres. Elas passavam como se tivessem grandes compromissos de trabalho: pastas, gravatas, saltos altos. Imaginava sempre o que faziam. “Aquela mulher magra e alta, com bota, cachecol, tão apressada com uma pasta na mão, deve ser executiva”. Sempre achava que mulheres altas, magras, com cachecol e botas eram executivas. E aí passava um rapaz pequeno, camisa de botão e um casaco por cima, “devia trabalhar em algum escritório”. Pensava. Assim o dia transcorria, após o almoço, o lanche da tarde, após o jantar, enfim, chegava a hora da novela. Assim terminaria um dia normal, uma quinta-feira normal para ela, tranquila para ele, que voltava para casa sereno, se não fosse aquele um dia muito especial.

Ele atravessou a rua com o seu passo habitual, entrou no prédio, cumprimentou o zelador, entrou no elevador, olhou-se no espelho e... “Caramba!” Lembrou-se do aniversário. A mão na testa e de olho no espelho, como se precisasse de alguém para compartilhar daquele momento delicado. Pensou, pensou... Pronto, chegara. Parou diante do interruptor, desta vez em dúvida se avisava de sua chegada. “Não, melhor não! Chegaria de surpresa, falaria do cansaço, assim ela sentiria pena dele e não comentaria nada. No outro dia compraria algo e a deixaria feliz”. Pegou as chaves e foi abrindo a porta devagar. Estranhou a TV desligada e as luzes apagadas. Entrou apreensivo e, como não havia sinal dela, acendeu as luzes. A sala era pequena demais e naquele momento, como gostaria que não fosse. Ah, como gostaria! Não seria possível o que estava vendo. “Não, era tudo um equívoco!” De cara com a mesa posta, dois pratos usados e duas taças sujas de vinho. As dúvidas invadiram-lhe o coração. Sua cabeça não queria pensar. Contou de um até dez e chamou por ela. Nada! Chamou novamente, sem sair do lugar onde se encontrava. Nada! Respirou fundo e começou a procurá-la em todo o apartamento. A cada passo uma angústia, a certeza de que ela não estaria ali, a vontade de gritar, de esmurrar a parede. Quarto, banheiro, cozinha e área de serviço. Nada! Parou atônito sem saber o que fazer. Andou novamente até a sala e deixou-se cair no sofá. De frente, a mesa, os pratos, as taças. Onde ela estaria? O pensamento o queria tomar-lhe. Não! Não arriscaria pensar. Sim! Gritava segurando a cabeça. “Por que duas taças, o que significava aquilo?” Pela primeira

vez chorou. Era uma dor estranha. Nem sabia onde doía, e se doía, mas chorava silenciosamente olhando aquela louça suja sobre a mesa. Pensava em Helena com os seus afazeres, cantarolando pela casa. Procurava-a, em meio à dor. Cansado, adormeceu. Acordou como habitualmente às sete horas e por um segundo sentiu o cheiro do café. Levantou-se feliz e foi até a cozinha. Nada! Só o vazio da manhã lhe restava. Saiu de casa como de costume.

Naquela quinta-feira o dia estava ensolarado e Helena acordou disposta e feliz. Fez o café, colocou-o na mesa e esperou que ele saísse para fazer a caminhada que sempre se prometia. De volta, passou pelo supermercado comprou uma garrafa de vinho para o seu almoço e seguiu apressada para casa. Em casa, fez uma faxina na sala e na cozinha e preparou uma massa para acompanhar o vinho. Tomou banho, deu uma massagem em seus cabelos, deixando-os mais brilhosos, hidratou o corpo, vestiu-se num lindo vestido mostarda e botas pretas, que havia adquirido num brechó próximo à sua casa. Colocou uma música suave para tocar e serviu-se. À mesa, dois pratos e duas taças, assim ela teria o prazer de sentir-se acompanhada. Demorou-se desta vez, escutou a música, sorriu ao lembrar-se dos últimos acontecimentos da novela das oito, e, resolveu não fazer mais nada. Levantou-se, escovou os dentes, realçou os lábios com um batom vermelho, pegou sua bolsa, fechou a porta, pegou o elevador e saiu do prédio. De metrô, foi até o terminal rodoviário e no primeiro guichê à sua frente pediu uma passagem para uma das cidades listadas. Tomou um

lanche em um café enquanto aguardava o ônibus. Seguiu a fila dos passageiros pacientemente como era de seu tom, entrou e sentou-se confortavelmente. O ônibus seguiu. Da janela, Helena saltitante, olhava o movimento lá fora.



*Como se fosse
de argila*

Como se fosse de argila

Entrávamos e saíamos de rua em rua, em busca de um pouso: São João, Ipiranga, Vitória... As horas se passavam rápidas e não encontrávamos nada que pudesse nos abrigar daquela garoa e da fria madrugada.

Andávamos na cidade de concreto e sentíamos entranhar em nossas narinas o gás carbônico que se alastrava pelas calçadas e paredes, deixando-as cinzas.

Letreiros vermelhos em portas semicerradas e grandes cartazes de mulheres peladas na frente. Ali a encontramos, Vera. Parecia simples moradora de lugares longínquos, assim como nós. Seria uma fera enjaulada? Sabe-se apenas Vera. Estrela que ousava brilhar entre os vazios da cidade moribunda.

Mais tarde a víamos de longe, na rua, da única janela do quarto de onde conseguimos pousar. Ela não sabia que a observávamos ou não parecia se preocupar com o fato. Acostumara-se a ser o que era, neon que ofuscava naquele asfalto encoberto por viadutos. Pudera ser só Vera, mulher, esposa, mãe. Mas quisera ser incandescente, nos alumiar com o seu canto, com as suas tetas empinadas, com a sua dança fogosa, com coisa que nos altera.

– Oi, gatinho! Eu sou Vera!

– Vera de quê?

– Vera-da-rua!

E já jogava os seios fartos pela janela do carro, entre os vários da fileira.

– Vai?

Uma hora, duas horas, êita dureza! Lá ia Vera. Voltava e nova luta iniciava. Começo de manhã ela seguia para a pousada onde, soubemos, vivia há alguns meses. E assim passava o seu tempo, como se noites fossem idas e os dias só chegadas.

Certa vez a vimos de cócoras, tentando conversar com uma jovem conhecida dos que costumavam ficar ali, no viaduto. Vera parecia desconfiar de seu estado, pois estava firme na decisão de acordá-la. Tentava reanimá-la, chamava-a, sacolejava-a e nada. À espreita, estávamos lá, em nossa janela, a admirá-la. E ela, exausta, deixava-se cair ao lado da jovem mulher. Acariciava-lhe a face como uma mãe a uma filha, enquanto cantava uma música de ninar. Seus dedos decorados de unhas grandes e vermelhas se destacavam na penumbra, como se tivessem vida própria. Embora, ali, estivessem inofensivas, unhas iam e viam passeando pela face da jovem como pontas afiadas de canivetes. Não sei se imaginamos, ou se vimos lágrimas correrem em seu rosto. Víamos a gordura do seu batom vermelho derramando como sangue ao redor dos seus lábios carnudos. Desmoronava seu *blush pink*, escorregavam as marcas pretas de lápis de sobrancelhas sobre os seus olhos. Tudo se misturava ao salobro líquido que lhe escorria pela face, agora borrada. Agora só dela. Ela cantava. A voz saía melancólica, ecoava

e rebatia nas robustas colunas de concreto, retornando em nós como uma rajada de vento gelada, impregnada das noites gris à nossa volta. Levantara-se sem preocupar-se em ajeitar a pouca roupa no corpo e foi-se.

O dia passou, a noite veio, mais noites passaram. Nem Vera nem a mulher do viaduto estavam mais lá. O que aconteceu? Alguns curiosos falavam, lá pela pousada, que a mulher foi retirada pelo carro da prefeitura. Diziam por lá, que malucos haviam batido com um pedaço de pau em sua cabeça até matá-la. Quanto a Vera, ninguém sabia dela. Na hora das novelas, hora em que todos estavam de frente à televisão, ouvíamos comentários. “Puxa, ali era uma pernambucana bonita!” Um olhar para o outro, uma risadinha, piscada e já saía um, “E gostosa!”, e a gargalhada tomava conta da sala, enquanto a dona da pousada rezingava fazendo-se presente. De seu sumiço nada se falava. Após alguns dias, a dona da pousada, uma senhorinha simpática, mas muito firme em seus propósitos de sobreviver, colocou um aviso na portinhola que dava para rua: alugamos quarto para homens ou mulheres. Dispunha de mais uma vaga.

Noites e noites se passaram e ninguém mais comentava sobre Vera.

Muitos loucos andavam sem rumo pelas ruas, o que ainda nos incomodava, já que éramos recém-chegados àquelas paragens. Barulhos intensos, gritos, ecos de conversas nos bares e restaurantes. Também o vento se fazia gelado naquele inverno, soprando forte por entre as frestas das janelas. E enquanto o frio intenso nos forçava a viver em pequenos quartos de pensão, um grande número de

peças se digladiava, disputando cobertores sujos e uma vaga debaixo daquele viaduto.

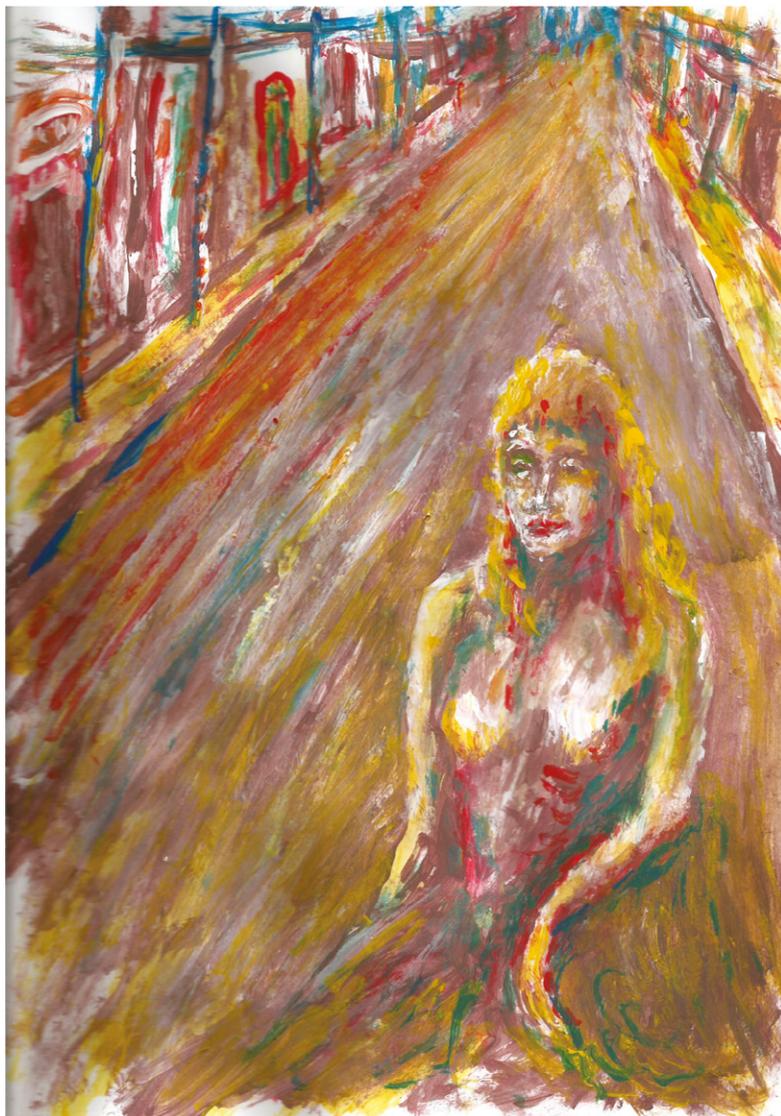
Um dia à tarde, com a costumeira caminhada do trabalho até a pousada, nos deparamos com uma mulher de cabelos longos a pentear-se, sentada à beira da calçada de um ponto de ônibus. Notamos que era uma mulher bonita, apesar de desgastada pela rua. Ao jogar os cabelos para trás nos revelou a face. Era ela, Vera! Seu olhar perdido por entre os passantes e as coisas que a rodeavam, pareciam impedi-la de devolvê-la à realidade. Agora, mais que nunca, era Vera, Vera-da-rua. Vê-la ali, não foi tão fácil. Ficávamos a imaginá-la correndo naquelas terras do agreste pernambucano ou, quem sabe, do litoral nordestino. Mas de repente, tudo nos parecia muito sombrio e distante. Mais uma vez nos sentíamos letárgicos, como se a vida evaporasse naquele rosa chumbo que respirávamos. Tempos sombrios, sobrevivíamos.

Na barraquinha do vendedor de CD um aviso solidário saía das caixas de som: a vocês que estão ouvindo, saibam que uma nova frente fria aumentará a intensidade do inverno em São Paulo. Contribua para a campanha do agasalho doando um a quem não tem.

É, dizem que é difícil viver por aqui... Como, se aqui tem tudo?

Tem japonês? Tem sim, senhor! Tem chinês? Tem sim, senhor! Tem africano? Tem sim, senhor! Tem coreano, árabe, italiano. Tem sim, senhor! Tem nordestino? Sim, muitos, sim senhor!

E Veras? Como argila molhada em que afundam os pés.
Sobre o cobertor de nossos olhos. Tem aos montes, senhor!



A close-up photograph of a white brick wall. The bricks are arranged in a standard running bond pattern. The mortar joints are visible, and the overall texture is slightly rough and uneven. The lighting is soft and even, highlighting the three-dimensional quality of the bricks.

O vestido

O Vestido

D. Lourdes sentou-se na cadeira de costura. Mais tarde terminaria de ajeitar as calças do falecido, pois havia prometido ao padre deixá-las lá na Igreja para que servissem para os pobres que o procuravam. Agora queria mesmo era costurar o vestido de Maria Aparecida. Se o cansaço não batesse antes terminaria ainda hoje. Gostava tanto de costurar, uma pena não conseguir mais trabalhar como antes.

– Ô de casa! D. Lourdes!

Alice, sobre o beiral da janela, colocou seu rosto dentro da casa para ver se a dona se encontrava.

– Entre, minha filha. Estou aqui na cozinha.

E ela foi entrando, deixando apenas a parte superior da porta aberta.

– D. Lourdes, estou precisando de um bocadinho de açúcar. Dá pra senhora me emprestar?

– Que é isso filha, quem já viu se emprestar essas coisas. Pegue aí no depósito. Está sobre a mesa.

– O que a senhora está fazendo?

– Procurando a minha mocidade.

– Mas como? Numa caixa de costura?

Ela olhou para Alice com carinho. Como ela, tão menina, poderia entender? Era tão bela, com aquele olhar curioso. Sempre aparecia pedindo alguma coisa emprestada. E se aproveitava das panelas sobre o fogão, onde sempre restava comida. A mãe de Alice trabalhava em casa de família e passava a semana fora. O pai era pedreiro, e ela, mal tinha crescido os mamilos, já tomava conta da garotada. Era um total de nove, ela com dez anos era a mais velha.

Sem responder a Alice, que ainda fitava o fundo de sua caixa como se fosse achar alguma resposta, continuou procurando o que queria.

– Tenho certeza que ainda tenho essas sianinhas.

Alice, muito esperta e querendo entender tudo, logo tratou de varrer a caixa com os seus lindos olhos azuis.

– D. Lourdes, sianinha não é aquele negócio que parece umas ondinhas?

– Sim, minha filha, sim!

De repente Alice pegou a peça, onde a tinha visto.

– Achei! Achei! — Saiu gritando e pulando, como se estivesse por receber um prêmio.

– Menina traquina, me dá logo isso aí!

Alice parecia louca, dançando com a sianinha em suas mãos. Rindo, cheia de felicidade.

– Ah, só entrego se a senhora me contar o que vai fazer. Esse bico é tão lindo. Adoraria ter um vestido todo decorado com essas ondinhas. Igualzinho a praia. Tenho tanta vontade de conhecer uma praia, mas meu pai nunca vai à cidade, e nem deixa que eu vá com as minhas tias, quando elas vêm nos visitar.

Deu dó a carinha da menina. D. Lourdes se aproximou e delicadamente pegou a peça.

– Me deixe em paz agora, que quero trabalhar. Retrucou.

D. Lourdes, concentrada em seu trabalho, não se preocupou mais com Alice. Sabia que ela era jovem, esperta e curiosa também, e com certeza iria buscar o seu caminho, mais cedo ou mais tarde. “Só tomara que não se engrace com o primeiro homem que aparecer”. Pensou.

Cortou o vestido e já se sentou novamente à máquina, iniciando a costura. Não sabia ao certo o que era paixão. Quando estava em idade de casar seu pai lhe apresentou o filho de seu amigo e falou que fazia gosto no namoro. Teve duas

meninas lindas, a quem com todo sacrifício deu estudo para que pudessem escolher outro destino. Foram para a capital, para casa de uma tia. Quando a saudade batia costurava uma blusa, uma saia ou outra coisa qualquer, e guardava para entregar quando viessem à cidade. Após a morte do marido a sensação de vazio se apoderou de sua vida. Às vezes se punha a pensar que precisava passar por esses martírios. “Só podia ser para pagar um pecado grave”. A dor era tão grande que muitas vezes se rompia em choro pelo dia inteiro. Nem água entrava em sua boca. Quando pensava em fazer comida fingia que estava preparando para a família inteira, só assim conseguia comer. Agora estava ali, satisfeita mais uma vez pela peça que costurava. Era um vestido lindo de cor azul, com a barra da saia bordada de pétalas, com miçangas que caíam como flores ao mar, arrastadas pelas ondas brancas da sianinha na barra, que se misturava à areia feita de cambraia bege. Sua filha aniversariava dali a uma semana, com certeza ficaria linda com o vestido.

Era tarde da noite quando foi deitar-se, cansada e excitada pela arrumação do vestido. Mas só quis ir para a cama após deixar o vestido em prova. Estava tão ansiosa para vê-la no vestido que não conseguia pensar em outra coisa. E cada vez que pensava, pegava no vestido e acrescentava algum motivo esquecido ao bordado: “Como ela gostava de se enfeitar! Comprava aqueles anezinhos que vinham nas balas, com uma pedra imensa no centro e vinha correndo me mostrar”. Lembrava e colocava o sol todo douradinho. Assim o vestido ia ficando cada vez mais rico, cheio de fantasias e muito brilho. Dormindo, sonhava com uma linda moça vestida de água.

Sobre os pés a espuma do mar branquinha se encrespava, indo e voltando, deixando os tornozelos à mostra. Sobre as pernas os peixes faziam voltas, subiam até o colo e rodopiavam ao embalo da valsa das ondas. Na ânsia de poder ver os babadinhos do mar, esperava... Esperava a saia branca tocar o seu corpo... Esperava sentir o cheiro, a delicadeza salgada. Podia ouvir o barulho da água se derramando suavemente na areia. Acordada, olhava para o telhado. Estava ali. O vestido ali derreado sobre a cadeira parecia um pedaço daquele mar que embalava os seus sonhos.

“Meu deus, o sol já está alto!” Levantou-se apressadamente. Precisava correr, era tanta coisa para fazer! O sol era escaldante naquela fase do ano e as coisas não eram fáceis. Quem não tinha aposentadoria sequer tinha o que comer. “Mas parecia tudo tão bem quando as pessoas se sentavam à beira de suas calçadas”. Pensou.

Foi para a calçada. Descansava do dia estafante observando a rua com os jovens a tagarelar e a namorar quando o ônibus passou. Ela se espichou toda para tentar ver uma de suas filhas. Não conseguiu. “Mas é só esperar, daqui a pouco ela chega”. Estava tão concentrada na parada do ônibus que não se deu conta de Alice que, próxima dela, berrava, querendo chamar-lhe à atenção.

– D. Lourdes, D. Lourdes!

Ela olhou um a um os passageiros que desciam do ônibus. A cada cabeça que apontava na porta, uma nova espichada.

E nada. Um, dois, três... Pronto! O motorista fechou a porta do carro e seguiu em viagem. A cabeça arqueou-se na cadeira de balanço. "Quem sabe no próximo?". Pensou.

– D. Lourdes!

Alice gritando bateu em seu braço.

– D. Lourdes! Meu pai mandou pedir um bocadinho de açúcar. Posso pegar?

– Ah, menina danada! Sai daqui! Vá lá! Pega logo isso e me deixa quieta no meu canto.

A noite estava para cair e ela continuou sentada à espera. Noite alta e veio o último ônibus. O coração se animou, o rosto se encheu de felicidade. "Ela viria naquele, certamente". Mais uma vez voltou a espichar-se para ver quem descia. Desta vez só um casal desceu, "ah, a filha de Mariinha", e o ônibus voltou ao seu curso. Outra vez desanimada pegou a cadeira e a levou para sala. Seguiu para o quarto. "Ela virá amanhã". Dormiu. Em seu sono o mar estava escuro. Misturava-se às nuvens embaçadas de uma noite chuvosa. Sentia frio. Virava-se, encolhia-se. Seu corpo parecia enrolar-se num lençol de areia úmida. Em sua boca um gosto de maresia. A cabeça rodopiava. Era como se tivesse sendo levada para muito longe pelo vento que soprava forte.

Um estampido seco parecia bater-lhe na cabeça. Distante dali aquele barulho a fez estremecer. Mais uma vez, desta

vez mais forte. Acordou! Percebeu que não havia fechado as janelas. Levantou ainda com os olhos marejados e olhou o fim da noite. Ainda dava para ver as estrelas e a lua naquele silêncio de alvorada. Ali no beiral da janela soprava um vento fresco, embora o sol já começasse a dar sinal de que logo iria nascer e os pássaros já começariam a cantar. Olhou para a casa mansamente. Nunca viu o mar, nunca saíra daquela casa. A sua fronteira era a feira da cidade vizinha aonde ia para comprar tecido e as suas coisinhas para costurar.

O cheiro do café já começava a contaminar a manhã trazendo com ele a realidade. Já na cozinha, pegou a lenha do lado do fogão e começou a acender o fogo. Esquentou as mãos nas primeiras chamas. No pote, pegou água com uma caneca de alumínio e começou o preparo do café. “Não tarda Alice chega”. Pensou quase automaticamente.

– D. Lourdes! D. Lourdes!

Colocou a cabeça no beiral da janela e já vinha fazer o seu pedido matinal.

– Dá para emprestar um bocadinho de açúcar?

Desta vez, apenas riu. Olhou-a com carinho, enquanto ela corria casa adentro. Deixou a caneca de café sobre a mesa e levantou-se animada.

– Venha menina, vamos provar o vestido.

– Que vestido?

Alice surpresa seguiu D. Lourdes, que a puxou pelo braço levando-a até o quarto da filha.

– Mas ele não é de sua filha?

D. Lourdes não respondeu, parecia não escutar, parecia nada ver a não ser aquele lindo vestido cheio de enfeites, desfalecido sobre a cama de Maria Aparecida. Seus olhos fixos à peça a faziam lembrar do mar que apenas imaginava existir. Pegou na barra de cambraia delicadamente como se estivesse riscando a areia com os dedos. Olhou o mar e as flores, correndo os dedos pelo sol. “Que sol maravilhoso!” Ainda afagando o vestido sentiu uma imensa saudade. Uma melancolia traiçoeira pela perda de algo que nunca teve. Pegou o vestido nas mãos e entregou-o a Alice.

– Tome! Vista!

Com um sorriso repleto de felicidade Alice vestiu-se e ficou a mirar-se diante do espelho velho e manchado, pendurado na parede do quarto. E ela rodou, rodou e rodou. Com a saia nas mãos, movimentou-a com o fervor de sua mocidade. Mexia com o vestido, provocando ondas, indo e vindo, moldando-se à dança do seu corpo. Seus olhos azuis pareciam pular para fora dela, trazendo vida ao mar daquele vestido.

Afinal, a peça lhe coube perfeitamente. Custava acreditar que não tivesse sido feita para ela.



*É fogo de
mulher rendêra*

É fogo de mulher rendêra

Os bilros batiam uns nos outros, levados pelas mãos ligeiras de Dona Arminda. Sentada em seu banco, cabeça baixa frente à almofada, tecia a renda enquanto pensava na vida. Já se considerava uma mulher vivida, beirava os 50 anos. Havia casado três vezes e nenhum dos seus homens tinha lhe dado algo que pudesse aliviar seus dias de caleja. Fazia renda e com ela ganhava a vida como podia. Sua face acusava uns 65 anos, mesmo assim era uma mulher alegre, sempre disposta a brincar com vizinhos e fregueses. Não reclamava da vida que levava, era como se fosse aquilo mesmo, coisa do destino! Trabalhava e via os netos crescerem, as filhas engravidarem, a casa ficando pequena. Aí, encostava uma rede num canto, trespassava outra por cima, botava uma na cozinha e...

Era a primeira a acordar na casa, lá pelas cinco, quando o sol já começava a apontar no horizonte e as galinhas no quintal já ciscavam procurando comida. Ela acendia o fogo, fazia o seu cafezinho e tomava recostada à porta da cozinha, espiando a subida do sol. O café a espertava para o dia. Acabava o pretinho e já enrolava seu cabelo acima da cabeça e ia à praia encontrar os pescadores. Lá pegava pequenos peixes, gingas, que eles deixavam na rede. Seria a primeira refeição da manhã. Depois de assadas na frigideira, comeriam com cuscuz. Quando chegava, todos já estavam acordados pela casa. Minino desarma essa rede!

Tira do mei da casa! Se chega alguém aqui vai pensar que é casa de doido. Dizia ela mecanicamente. Pronto, Vó, já tirei. Gritava o menino da sala. Bota lá no quarto! Respondia no mesmo tom, ela lá da cozinha. Ah, meu Deus! Zangado, ele seguia para o quarto com a rede nos braços. Mal podia com ela de tão pequeno. Ela tirava os “bascuio” da mesa e botava o café dos meninos.

A mesa era simples. Quadrada, de madeira sem entalhe, com um pano de algodão estampado como forro fazendo pontas e bancos da mesma madeira embaixo. Os adultos a essa altura já haviam saído para o trabalho e só os meninos restavam para comer o cuscuz com peixe. Depois do café mandava os meninos tomarem banho. Todos se dirigiam para o tanque, um reservatório no quintal. Eles reclamavam, mas lá faziam uma farrá, jogando água um no outro com uma caneca e batendo na água com as palmas da mão ou “tibunando”, como se estivessem em uma piscina.

Dona Arminda saía à janela todos os dias e aproveitava para falar com os vizinhos que começavam a ir para o trabalho. A maioria trabalhava na praia vendendo coco, cerveja, cachorro quente, cozinhando ou servindo as mesas dos restaurantes. Ah, e tinha a professorinha. Ela passava bem vista e a cumprimentava com um sorriso bonito. Como era linda! Podia ser minha fia! Pensava.

Tinha também seu Pedro. Na semana, jardineiro, aos domingos e feriados, vendedor de coco. Era um homem trabalhador, mas também não tinha sorte com as “mulé”, a

última era muito mais nova. Resultado, minha fia, passou-le um chifre! Pensou. Mas nunca se viu homem tão alegre, vivia “se rindo”. Todo dia, no mesmo horário, estava Dona Arminda em sua janela e seu Pedro passava ligeiro atirando conversa para ela. Como vai Dona Arminda? Já falava rindo. Como Deus quer, e o senhor? Vou miorar quando achar uma mulé pra casar e tomar conta de Zezinho. Vixe que eu não queria mais esse. Já tenho é demais! Mulé, ocê divia era pensar direito. Eu sou um ome bom, trabaiador e ainda dou pra muita coisa. O sinhô é... É um ome muito é saçaricado! Dizia e fechava a janela, arretada. O outro seguia seu caminho. Já era rotina esse encontro matinal, desde que a mulher de seu Pedro o havia deixado.

Dentro de casa, voltava a cabeça para o chão de cimento liso e pensava. Num é que não gostasse dele, é até um ome bom, mas já tô cheia de ome. Só quere viver em cima da gente feito bicho no cio e depois deita, dorme e a gente ainda tem que levantar e cuidar da vida. Tô cansada! Mai as vez sinto vontade. Mai só se fosse de quando em vez! Dizia para si mesma e ficava afogueada com o pensamento.

Seguia em frente pelo corredor, quase recostando na parede, de tão estreito que era. Passava pelo único quarto da casa e ia para a cozinha. A porta era feita de duas partes iguais, dois quadrados de madeira aferrolhados cada um. Encostava-se a uma das metades e gritava. Minino! Mai ocês já tão é branco de tanta água! Termina logo esse banho e vem tudo vestir uma roupa! Seguiam os meninos obedientes e trêmulos, pelas pedras enterradas no chão que dava acesso

à cozinha. Chega, chega! Vão direto pro quarto pegar uma roupa! Eles iam em “fileirinha”, que nem procissão. Um atrás do outro, o pequeno na frente, depois o outro maior, o outro e o outro. Ela olhava para a posição do sol no quintal, corria para botar o feijão no fogo. Pegava a almofada e começava a cantar a música da renda.

Os pedaços de madeira iam se juntando de um lado e de outro, fazendo maço nas mãos. Ela trançava para lá, trançava para cá e a barra do bico ia se moldando na almofada. Os sons dos bilros trançando pareciam notas percussivas a acompanhar a cantiga tirada pela rendeira. “Minha mãe era rendêra e me sinou a rendá, Moça bonita eu era e doida pra namorá, Aí encontrei Feliciano e pude nos braço dele me afogá, Vixe que ome era aquele! Se montava em cima deu e eu em cima dele, E num passou nem quato mês, já tava cum bucho aculá, Mas num trabaio arriscoso, de cima dum caminhão, tombou até o chão e a morte ingrata vêi buscá. Passou tempo e eu num me acostumava, Aí encontrei Ribamá, Era daqueles que num drumia, ficava a noite a pitar, Um dia já parida achei ele esticado, De olho fundo o coitado, já tava feito alma a pená. Muitos anos se passaro quando encontrei Josafá, Era novo esse, a morte não vai levá, Triste foi meu engano, O pobe só deu pro sopro, A morte já vêi buscá. Com fio no bucho e tudo, fiquei só no mundo, Agora tenho medo inté de namorá, Já inté dissero por aí, que é meu Feliciano que os outros manda buscá, Vixe que ome era aquele! Num dá nem pra creditar, Noite e dia num se queixava, Botava era pra quebrar”.

E o cheiro do feijão já estava no meio do mundo e Dona Arminda na cozinha continuava a cantarolar. Quando o sol começava a ir embora já estava novamente à janela. E a praia como tava, seu Paulo? Tava uma belezura, vendi tudo. Ainda bem que hoje não choveu. E o milho, como tá? Tá bom que só vendo! Era assim que a gente dali ganhava o pão. No inverno tinham que se virar com outras coisas, a vida era difícil, mas hoje era noite de S. João e a festa ia ser animada.

No interior tinha chovido e as ruas estavam cheias de milho verde para vender. Era dia de fogueira e o povo já tinha botado para fora, pedaços de tábuas, pés de cadeira quebrados, restos de madeira cortados, juntados no fundo do quintal para queimar nas noites da festa. As fogueiras iam aparecendo já pelo final da tarde, em frente às calçadas. Em cada casa um monte de pau segurado por duas traves, uma de cada lado para não espalhar a madeira. A noite ia caindo e a fumaça já tomava conta de “mei mundo”.

Sentados à beira do fogo, os donos das casas afiavam um pedaço de pau com uma faca, formando espetos para assar as espigas que já se encontravam amontoadas no chão. As meninas arrumadas para o forró, já saíam de casa rodando as saias todas animadas, pensando nos meninos com quem iam dançar. Os pais geralmente ficavam em casa com os filhos mais novos. Aproveitavam o fogo para conversar em volta com os vizinhos, enquanto se deliciavam com o milho fresco e doce. As crianças aproveitavam as espigas banguelas, com os cabelos bem lourinhos e fininhos para

brincar, fazendo os sabugos de bonecas. Das outras espigas, as mais verdinhas, eram retirados os grãos, moídos e depois tirado o sumo, para fazer canjica e pamonha que já haviam sido servidas no jantar.

E lá estava D. Arminda, sossegada em sua calçada, olhando o movimento da rua, comendo um pedaço do milho que sua vizinha tinha acabado de assar na fogueira ao lado. Talvez sua filha quando chegasse mais tarde trouxesse alguma espiga. Ia fazer uma canjica bem boa e dar um prato a Seu Pedro. Seus olhos brilhavam e sua face parecia esticar, corada ao falar do vizinho. Disfarçava. Ah, ele era um amor de pessoa, nunca se esquecia dela quando passava em frente de casa, além do mais, não tinha ninguém que fizesse pra ele, coitado.

Saía da calçada em rebuliço quando o neto gritava de dentro da casa aos prantos. Havia queimado a mão querendo pegar arroz doce no fogão. Ô minino danado! Ocê num tá vendo que isso tá pegando fogo, criatura? E já aprontava rápido um unguento, enrolando a mão do moleque com folha de bananeira. Agora vá! Pegue as coisas onde não deve! Voltava para a calçada e continuava a prosa.

Viver, minha fia, é difíce! Mas a gente leva daqui, leva dali, num pode é se aperrear. Tudo era resolvido assim com um jeitinho bem do lugar. A alegria se fazia maior do que qualquer incidente doméstico. As crianças riam com as estrelinhas feitas com buchas de aço amarradas num cordão, ataçadas fogo que rodavam nas mãos dos maiores, enquanto os

menores estralavam chumbinho no chão e nos pés de quem passava. As mulheres, algumas de cócoras com as saias entre as pernas, outras mais comportadas sentadas à beira da calçada, conversavam soltas com seus vestidos floridos, um detalhe de renda aqui, outro ali, feito com sobras de bicos. Vez ou outra os barrados das saias saltavam-lhes das mãos, sacudidos pela música que dali se ouvia, “Olha pro céu meu amor, vê como ele está lindo...”, e o chiado longe das chinelas, arrastadas ao som do zabumba, triângulo e sanfona. As labaredas exibiam faces iluminadas e bocas que se mexiam, ora comendo, ora falando e rindo. A rua era festa! E como dizia o cumpade Gonzagão, rei do baião, na nossa terra, mulher querendo é bom demais!

De madrugada só se ouviria o vento e o crepitar das brasas, lembrando os estalos secos dos tocos de madeira que ajudavam a tecer os bicos. E Dona Arminda dormia tranquila, embalada em sua rede pela noite festiva, sonhava com os homens que balançavam seu coração, “Olê mulher rendêra, olê mulher rendá, tu me ensina a fazer renda que eu te ensino a namorá...”, enquanto a fogueira queimaria a noite inteirinha e ainda deixaria as brasas acesas para alastrar fogo logo mais, “demanhanzinha”.

*Cheiro de
cuitã verde*

Cheiro de cuité verde

Morena de lábios sensíveis e voz marcante. Entre a política, as tarefas acadêmicas e a poesia, tão arredia e provocante. Era assim, voltada inteiramente para o que é justo (na sua concepção). Assim verdadeira, trazia as respostas no olhar. Se beijava? Ah, e como! Se amava? Com tanta intensidade que fazia a todos morrer de inveja. Foi assim tão faceira que foi em busca de seus sonhos...

Eram dias de agosto. O vento soprava forte e junto às chuvas ralas derrubavam as folhas miúdas das algarobas do pátio. O cheiro de terra molhada invadia nossas narinas. Saboreávamos, como os pássaros que cantavam lá fora, as gotículas que umedeciam nosso chão e deixavam um verde luminoso às árvores. Entre outras histórias encontrei-a ali. Ali mesmo, sentada em uma cadeira de aulas, atenta ao debate que se sucedia à apresentação de uma de nossas professoras. Ela voltava-se inteiramente aos detalhes da fala e não se expunha à toa. Não! Sempre colaborava com o debate de forma clara e incisiva, embora seu olhar passeasse de vez em quando, perdido (e me encontrava), naqueles momentos maçantes, de argumentos repetitivos.

Olhar? Se olhava! Como quem tirava a roupa diante do espelho do quarto. Falar? Como falava! Brincava com as palavras. Em alguns momentos parava e dava

conta de coisas sérias, coisas do Brasil, e aí via o mar e se deslumbrava com as ondas se debatendo contra as pedras.

Em algumas noites de festas e lua aparecia discreta e bela. Ao som dos violões cantava sem se preocupar com a voz desafinada. Estava ali com a pele quase a se confundir na escuridão, quando a lua revelava-lhe o semblante absorvido pela poesia da canção. Aliás, poesia? Poesia fazia a brisa, quando tocava os fios de seus cabelos, acariciando o seu pescoço, fazendo todo o seu corpo contrair-se. Por um momento, só a lua nos deixava testemunhar tão alarido instante.

E foi assim, meio sem querer, meio sem ser, que tomou fôlego, cresceu e ganhou mundo. Até hoje sua história passa de boca em boca, anda por aí, ainda menina ou mulher, era feito casco de cuité que um dia endureceu e virou cuia. Daquelas que arrebanha água farta e que de tão funda não consegue encher. Guardava para todos um pouco e oferecia a quem achava que devia. E como oferecia! Às vezes a água reservada chegava barrenta; outras vezes cristalina; em alguns dias bem morna; mas noutros, tão gelada que congelava a língua de quem tocava.

Mas não era só especial por suas qualidades femininas. O que aconteceu é que certo dia, estando em sua varanda ensolarada, pensou que não fazia mais sentido estar ali sentada, a se debulhar em livros e conceitos, enquanto as pessoas ao seu redor sequer tinham a oportunidade

de também estudar, como ela. A sua própria família vivia em condições lastimáveis. Eles não reclamavam. Por que fariam? Ela sempre foi muito estudiosa e orgulhava a todos por fazer universidade pública e por isso não precisava se ocupar com outra coisa. Mas ela já não pensava assim. Não! Era preciso fazer algo mais.

Ela vivia um momento muito especial em sua cidade. Aliás, foram as últimas ocorrências de lá que a empurraram a fazer o que fez. Soube que no centro algumas pessoas e organizações realizariam uma grande marcha contra o desemprego, contra a fome e a miséria. Seguiu rumo aos organizadores e engajou-se no evento. Foi, foi e foi... Marchas e marchas a mobilizaram para a luta por mais igualdade. Era um tempo difícil, de muitos embates com o poder. Rapidamente virou referência política da cidade e não mais parou, até que algo lhe aconteceu.

Era um dia muito importante para ela, para seus companheiros e companheiras, pois se preparavam para iniciar a mais longa marcha daqueles tempos. Seguiriam todos até o centro do país a pé. Ela passou em casa correndo para ver a mãe. Ao se despedir, sua mãe entregou-lhe uma carta. E, apesar da pressa, sua mãe observou que ela parecia receosa com o remetente, por isso leu o recado que havia dentro do envelope, antes de sair. Uma ruga de preocupação se desenhava nítida em sua face, o que sua mãe logo percebeu, embora ela tenha disfarçado. Despediu-se e saiu. Amigos que a viram no ponto de ônibus comentaram mais tarde de sua ansiedade, talvez torcendo para que o transporte que

a levaria não demorasse tanto, como de costume. Enfim, o ônibus chegou e ela foi. Foi, mas não se sabe para onde. Todos a esperaram. Sua mãe, definhando de tristeza, morreu após desacreditar de sua volta. Naquele lugar simples nada sabiam além do que aparecia na TV.

Em tardes frescas, o povo na calçada falava de suas aventuras, de suas risadas livres, de seus sonhos de igualdade. As lembranças vinham e um cheiro de cuité verde se espalhava pelas ruas arrastado pelos ventos como se ela ali ainda estivesse.

*Saudade
de mãe*

Saudade de mãe

O tempo é um cheiro que permanece.

Mas, a fragrância muda,

enquanto há vida.

Em um fim de tarde chuvoso e escuro, uma menina atravessou a rua correndo. Corria desajeitada, com medo de que percebessem o fino tecido de sua blusa branca, colado ao corpo, quase rechonchudo e alvo. Os cabelos atrás das orelhas, as gotas escorrendo de sua testa, nem sabia se suor ou água; corria desengonçada, pesada pelas calçadas enlameadas. Escorregava. Cruel lodo que invadia as ruas, que a levava ao chão, manchando as suas vestes brancas. O que diria em casa? Quando chegaria?

Uma casa e três cômodos. Uma menina sentada em uma cadeira de balanço de fios verdes, um livro e uma sala. Lá sua mãe também estava: cabelos grisalhos, olhar severo e aquele cheiro reconfortante de feijão. Passado e presente, provavelmente futuro, não se dava conta de amontoados de anos só. Uma mãe, uma menina... Duas mulheres...

Absorvida em suas fantasias não percebia os gritos da mãe. Passava para a próxima página impaciente. Como será o final? Curiosa, partia até ele, mas como não ousava ler voltava

para onde estava. O anoitecer trazia a escuridão e parecia só sombrear a ponto de ver os contornos: das paredes amareladas, da cadeira e da menina. Essa, nem mais se mexia! As pernas endurecidas apenas se movimentavam ao ritmo cadenciado, obedecendo aos reclamos de mulher já palpitando por entre o suor das pernas cruzadas, os olhos estreitos à espera do encontro, o calor, a inquietação... Fora do texto, a mãe berrava exausta.

O másculo homem de olhos pretos e ciganos abrasava a alma da personagem tocando a sua boca com as pontas dos dedos, atijando fogo em suas entranhas. Não! Como poderia escutá-la?

A vida naquela época era bem diferente. Os dias vinham em um cotidiano cheio de afazeres. A mãe trabalhava fora e dentro de casa. Não podia aceitar tamanho desinteresse pelo trabalho. Não de sua filha! Quem ela pensava que era, afinal? Tudo acontecia e ela lia, lia, lia. Naquele dia, não! Estava cansada de fazer tudo sozinha. Uma pilha de louça, casa suja, roupas para entregar. Uma grande aflição e angústia tomavam conta dela. Irritada pegou o livro da mão da menina e rasgou ao meio, matando-a de grande raiva e tristeza. As mãos da menina embrutecidas, seu corpo rijo, sua cabeça levantada firmemente para enfrentá-la, mas não podia. Olhava como se pudesse matá-la. Não, não podia falar. Sua boca inchava, seu rosto todo inflava, suas narinas esfumaçavam, seu olhar fulminante se perdia centrado a olhar para ela, na cegueira da raiva, na total incompreensão do momento. Ela havia arrancado-lhe o livro, tirando-lhe o prazer de saber o final da

história. Em pedaços, não conseguia dizer-lhe uma palavra, louca que fosse, raivosa, angustiada, nem mesmo uma. Saiu devagar procurando firmar-se às paredes, juntando os restos do livro, deixou a sala vazia...

A música ao longe tocava freneticamente... Todos riam exageradamente. Vozes em compassos com a viola, os pregos batendo, trazendo um acorde tilintante de doer ao ouvido. Conchas levantadas ao ar, atadas à metade de uma quenga... Cachaças, rondas, amores... Amores tantos... Devotos, insensíveis, sedentos... Dores.

Mais tarde o menino sugava-lhe o peito gulosamente. O fluxo do leite saía dolorido. Pequenos lábios rosados e olhos vivos que seguiam o contorno da boca da mãe com um dos dedos livres, enquanto a outra mão a envolvi pelas costas. Quando veio ao mundo não atinava nada, menos ainda quando achou que havia crescido. Do seu ventre arredondado sentiu o sangue correr, os membros a mover-se, a respiração deles em líquidos espessos... Olhava pela barriga d'Ela, quando isso acabou? Hoje não é mais filha, é mulher, amor, dor, solidão, saudade, mãe. O corpo sangrou com a dor corroendo-lhe a alma. N'Ela também se fez o sangue, o parto, a dor de não fazer mais parte, o corte, a insatisfação de não estar presente sempre, as contas do rosário, a fé que tudo vai acabar bem, os ramos verdes, as rezas, o sossego após noites febris...

Três cômodos e uma janela. Agora, os pássaros e as borboletas brincam no céu de junho, nebuloso e úmido ar de inverno nestas paragens ensolaradas. Na nossa visão, o

mar azul petróleo refletem as carregadas nuvens da estação. As plantas em festa bailam ao som do vento e da chuva. Um dia frio compõe imagens de fertilidade da rasteira vegetação em frente à grande janela. O degrau de cima parece planar nas dunas em direção ao céu. Os bem-te-vis no alto cantam avisando que o tempo passou. Olhou em volta e se assustou com o tempo e com o que construiu. Viajou distante pelas paisagens... As gotas d'água costumavam cair naquela época do ano, escaldando a terra castigada de verão. O mês todo seria pouco para umedecer aquele chão tão arenoso, mas ainda tínhamos julho, os risos das crianças, os amores ao reflexo prateado do mar sob a luz da lua, o gozo da volta e, de novo, o prazer da solidão. A menina se perdeu em seus livros e naquele dia a filha pensou em sua mãe: se não compreendê-la, amá-la, afinal o tempo também passava para Ela.

*A mãe de
Ícaro*

A mãe de Ícaro

– Você não pode voar, Ícaro! Falou Cezinha desconcertado com o amigo que insistia haver visto um homem sobrevoando o seu quintal, na noite anterior.

– Gente não voa, só pássaros. Você deve ter visto um grande pássaro voando.

Ora, não era um pássaro, ele viu, tinha certeza que era um homem. Mas como ele fizera isso? Sabia que seu pai havia colocado o seu nome em homenagem a um cara que havia voado com asas de cera, mas infelizmente a cera derreteu ao chegar perto do sol e ele morreu.

– Mas só caiu porque a cera derreteu. Gritou como se o amigo tivesse acesso aos seus pensamentos anteriores e, continuou:
– Se não tivesse sido assim, ele teria voado de verdade, pois havia chegado bem perto do sol. Então ele voou.

Cezinha olhou para ele assustado. – Quem caiu, o homem que voou em seu quintal?

– Não, Cezinha, Ícaro caiu!

– Você? Recuou com o corpo, estranhando todo aquele papo sem sentido.

– Não, Cezinha, Ícaro, o cara da mitologia.

Puxa, estaria o amigo ficando louco? Ícaro andava de um lado pra outro encafifado com a imagem que originara aquela conversa.

– Mas era noite! Era isso!

– Isso o quê, criatura? Perguntou-lhe o amigo.

– Ele não precisava se preocupar com o sol se fosse à noite. E se fizéssemos asas como pipas?

– Você está louco, é? As pipas não vão nos levantar porque somos muito pesados.

– Você tá dizendo que estou gordo?

_ Não, não é isso, é que as pipas são muito leves, elas não vão aguentar.

– Que nada! Ultraleve é o quê? Pois eu acho que se a gente não tiver medo, a gente voa.

– Não estou entendendo esse papo, amigo, você está delirando. Falou Cezinha.

– Olha, eu vou dizer o que vamos fazer, vamos tentar até conseguir.

Cezinha desconfiado, chegou a dizer que concordava, sabia que Ícaro ia esquecer aquela loucura. Foi o que ele pensou.

Dia após dia, tentou pular de braços abertos de pequenas alturas, bolava no chão e se refazia a cada tentativa.

Cezinha preocupado com a obsessão de Ícaro falou com a mãe do amigo para que ela tentasse resolver.

– Filho, Cezinha me falou que você deseja voar, assim como Ícaro, da mitologia.

– Mãe, veja, todos podem voar, é uma questão de disciplina e coragem.

– Mas como filho? Você está no nono ano da escola, você já viu que existe uma força gravitacional que puxa a gente para a terra, portanto não podemos flutuar ou voar.

– Mãe, eu sei disso, mas você concorda que a força gravitacional não é coisa só para nós, os humanos? Ora, me explique, se é assim por que os pássaros voam?

A mãe pega de surpresa pelo questionamento do filho pensou, de fato era verdade, os pássaros também estão sujeitos à gravidade. Rapidamente tentou dar uma resposta racional.

– A questão, meu filho, é que os pássaros são mais leves, o corpo dele é adaptado para voar, o nosso não.

– Minha mãe, os aviões são pesados e voam.

A mãe, cada vez mais orgulhosa da perspicácia do filho em conduzir a discussão, foi colocando mais elementos, ao menos até onde sabia, para enriquecer o debate. Falou ela: – Filho, os aviões são máquinas sofisticadíssimas, com motores que foram criados para atravessar o ar. Percebendo a atenção do filho continuou: – Lá em cima, temos um ar rarefeito, isso destruiria nossos pulmões. Você sabia que tem gente que tenta escalar uma grande montanha e morre ao chegar perto do topo? Isto acontece porque os nossos pulmões não estão preparados para além de uma determinada altitude. Os pássaros que voam têm uma estrutura física formada para isso. Eles têm uma bolsa aerodinâmica, algo assim.

Apesar de todos os argumentos da mãe, Ícaro não estava, totalmente, convencido, mas estava confuso. Realmente havia acreditado que um homem sobrevoara seu quintal. Teria sido um sonho? Além do mais, tudo que foi feito até agora para voar tinha como origem o homem que o pai escolheu para dar-lhe um nome.

– Tudo bem, mãe, eu não vou mais ficar por aí tentando voar. É isso que você está preocupada, não é?

– Também, meu filho. Mas não só isso. Acho que é muito bom você questionar as coisas, as dúvidas são mais importantes que as certezas. Foi assim que a humanidade se desenvolveu, para o bem e para mal. Você é um menino inteligente, que muito me orgulha. Não estou querendo parar com suas indagações e

tentativas. Você quer voar, voe! Mas, use sua inteligência. Veja, Ícaro, seu xará, não tinha os recursos e nem as pesquisas que acumulamos até hoje. Vamos fazer assim, eu e você vamos pesquisar sobre o assunto para poder continuar com o nosso papo. Até lá você para com as tentativas, ok?

Os olhos de Ícaro estavam focados na mãe, embora absortos em seus questionamentos. Mas sabia que a mãe tinha razão. Os amigos, até eles, já estavam dizendo que havia ficado louco. Custa nada adiar mais um pouco. Sorriu ao se imaginar voando como Ícaro. – Já pensou, mãe, a pessoa atravessar o mundo voando?

– Sim, filho, já pensei. Não é à toa que seu nome é Ícaro, e sorriu, pensando nas discussões com o pai do menino sobre o tema. – Mas combinado, assim? Vamos pesquisar sobre o assunto?

– Tá! Mãe, sabe aquele livro que você me deu?

– Qual filho?

– É de um piloto de avião que vai contando suas aventuras na terra. Um tal de Santo num sei o quê.

– Ah, Saint-Exupéry, Terra dos homens. Sim, lembro, claro! Você gostou?

– Tem coisas que eu não entendi muito bem, mas essa nossa conversa me mostrou que podemos ter uma visão diferente

quando estamos na terra e quando estamos sobrevoando ela.

A mãe sorriu, satisfeita com a observação do filho. Suavemente e cheia de orgulho, beijou sua testa e disse-lhe: – Muita coisa nessa terra dos homens que temos ainda que aprender, não é meu filho?

– Ele riu, satisfeito. – Sim, minha mãe. E na terra das mulheres, também! E piscou o olho para ela.

Sabia que ela iria gostar dessa finalização. Sua mãe era feminista, embora gostasse de conciliações.

E vamos aos aviões! Pensou ele.



Arabela

Arabela

À Cecília Meireles

E eu sempre ali a olhar aquela janela. Dia após dia a olhar para ela, Arabela! Mas ela, lá do alto, não se dava conta de que o tempo passava, que as pessoas passavam, que a vida passava... E que eu sempre passava debaixo da janela dela, Arabela! Ai que vontade estúpida de chamá-la, de fazê-la voltar-se à praça, onde todos os dias eu me plantava, só para ver o sorriso dela, Arabela! Não! Ela só olhava para onde sua visão alcançava. Era ela. Bastavam-lhe aqueles segredos, aquele umbral, aquela janela. Ah, mas era tão leve, tanto quanto a brisa ensolarada que soprava os cachos de seus cabelos, a se derrear na face dela. Seus lábios vermelhos, abertos naquele sorriso eterno, ecoavam na praça e me faziam escorregar com as folhas a girar, a girar, a girar, até alcançá-la ao vento, que sem saber dançava com ela. E quando se balançava ao beiral, pendurando-se ali que nem gazela, meu coração saltitava tanto que era preciso recorrer a minha cúmplice árvore, a me esconder avexado à sombra dela. E quando novamente eu a olhava, lá estava ela a troçar com os bem-te-vis, apaixonados pelo ar zombeteiro dela. Ah, Arabela! Quem dera fosse tão pequenino e leve para voar próximo à flor tão bela. Ah, eu me embrenharia em teu colo, que imagino macio, e ficaria quieto, apenas seguindo o ritmo dos teus suspiros de bom dia arrastados até denoiteinha, naquela janela. Mas ela não me via, insistia em olhar por trás das árvores, sem enxergar aquela que me acolhia. Dia após dia e nada do olhar dela. Ao meio

dia, me dava às costas e desaparecia sala adentro. A sombra de sua imagem parecia grande e desvanecia me deixando apenas contorno da realidade que eu desconhecia. Sabia que iria voltar, dia, noite e todo dia. Mais um dia, e lá vinha ela mexendo os cabelos, e faceira, empurrava para fora as bandas da janela e se botava inteirinha na beirada, a ponto de deixar-me mais e mais atinado nela, Arabela! Seu nome poderia ser outro, Doroteia, Marcela, mas nenhum caberia tão bem assim, em coisa tão linda, Arabela! Quanto a mim, ficarei a vida inteirinha a olhar para aquela janela. Vendo-a sempre ao lado dela, Arabela! Pois o que me cabe nessa história é ser esse, o moço dela. Sem nome, sem casa e sem janela.



A casa

A Casa

O olho do mar para ela não a levava à estranheza. Não, afinal eram velhos conhecidos. Ele a viu crescer, se fazer mocinha, virar mulher. Foram meses até aflorar quieta, novinha. Pelo caminho encontrou algumas delas ao lado, sempre muito simples, como ela foi feita para ser. Ela assistia tranquila as chegadas, as mudanças e se felicitava por existir. Cada coisa tão certinha, tudo tão lindo no lugar. Foram lugares escolhidos, coisas escolhidas para aqueles lugares. As decisões foram dando forma e vida, paredes e tetos construídos, tudo num olhar. Num olhar que durou uma existência e muita dedicação.

Assim os dias passavam, e como eles, o jardim em sua volta já crescia e dava um ar de cores a tilintar com a luz do sol. Com tudo a brilhar a sua volta queria se abrir à brisa, sentir o suor do mar, as visitas. Mas com a brisa também eles se foram. Teriam a esquecido? Suas janelas e portas todas fechadas. E as chaves? Queria o vento invadindo e movimentando suas entradas, mexendo em seus cantos. E novamente a tarde ensolarada caía, enquanto as nuvens escureciam revelando os pontos luminosos no céu. A lua aparecia lentamente, seguindo o seu curso, baixando pela lateral, dando lugar para de novo o sol subir. E ela encarcerada! As chaves, onde estariam?

Queria sangue quente pulsando no seu interior, a arrumar e a desarrumar, a planejar, a resolver e alterar. Mas as chaves quem as teria? Quem saberia das chaves e daquele lugar? Os pássaros cantavam ao redor. Os queria em suas janelas, a entrar por uma, sair por outra, o aroma das flores assediando a sala... Esperava o vento a tocar os seus umbrais, o sereno da noite de luar a incandescer os seus corredores, formando uma sombra da porta, lá esguia, indicando caminho por onde penetrar, mas as chaves ninguém as via, ninguém sabia. Só a poeira tomando-lhe conta. Só os bichinhos pequeninos para seus companheiros, enquanto a maresia incrustada nas portas amarrava-as aos portais. As fechaduras enferrujavam. Tudo novo, cheirando a tinta, agora velho, triste, desolado, não mais as chaves existiam.

Certo dia apareceu um senhor a bater na porta. Tentou repetidas vezes. “Vamos!”, “Não desista!”, pensou. E ele: “Ô de casa?” Quem era de casa? Há tempos não sabia dele. Ou dela? Já nem lembrava. Eles insistiam em empurrar papéis brancos porta adentro. Seria alguma notícia? Mas nada, nadinha mesmo acontecia a não ser o vento lá fora, a areia que tomava conta da entrada principal e o mar que avançava em sua direção. Mas não importava, tudo de concreto ia ruir. As paredes já descamavam umedecidas. O mar já se anunciava faceiro e enfim iria sentir o frescor da água em sua superfície interna. Ele iria acariciá-la e a levaria junto, não mais precisaria de portas, nem tão

pouco de chaves. Seria livre como o vento que abre por sua conta as entradas, dentro do mar.

A blusa verde

A blusa verde

Entrei por aquela sala. A porta encostada parecia aberta a quem quisesse chegar. Fui conduzindo o olhar com cuidado, à espreita, esperando encontrar alguém. Sons rasgados de guitarra e violão atravessavam as paredes, era o único sinal de presença na casa. Percorri toda a sala até o corredor e desisti de chamar, já que o barulho não permitiria que ouvissem outra coisa que não fosse o som da caixa amplificadora. Após alguns minutos, já meio impaciente da situação, resolvi me recostar numa cadeira macia ao lado de um biombo de palhinha, próximo ao corredor, olhando sempre para ver se alguém aparecia. Diagnosticava os cantos e tentava imaginar os donos da casa, assim dei de cara com ela. A melodia dava contorno ao que os meus olhos viam; a luz e o sopro do vento que entrava pela janela davam vida àquelas formas que adornariam um corpo de mulher. Era num tom verde grama, busto frouxo, seguidos de bicos no colo, mangas no mesmo estilo e um resto de tecido deslizando delicado para baixo. A luz acendia o seu verde, deixando a blusa transparente, enquanto o sopro que adentrava a janela levantava o busto arredondado. Estava assim pendurada a um cabide, visível num canto da casa, parecia que me olhava, sei que me percebia. A certeza me veio com uma onda perturbadora de calor que me percorreu o corpo, mas a brisa entrando vasta pela janela me elevou de prazer ao seu toque, aliviando a tensão. De repente percebi que ela valsava ao toque da mesma brisa que me

acariciava. Estávamos afinal ali, naquele mesmo lugar, levadas por aquele som estridente e aquela carícia luminosa da tarde. Ela parecia solta, à vontade com a melodia. Por certo, já acostumada a ficar ali, sabia de tudo: de quem entrava, de quem saía e de quem ficava. Uma volúpia de curiosidade me abateu. Seios fartos preencheriam aquele tecido esvoaçante, em meio à transparência daquele colo verde. Via-os se derramarem no busto, os bicos dos peitos a atravessarem as brechas das pregas franzidas, empinados pelo ar fresco que se mexiam levados pelos acordes vindos do quarto. A essa altura, outra onda de calor me invadia a alma. Já podia sentir aquelas mãos fortes. Dedos longos deslizando pelo braço da guitarra, enquanto alcançava a protuberância macia dos seios que preenchiam aquela blusa. O tecido colado ao corpo com o suor que os faziam deslizar um no outro. As mãos caindo pelo tecido, sentindo cada centímetro de sua cintura. Ele tremia, sua boca sedenta murmurava palavras ofegantes, acompanhadas pelo som da guitarra quase esquecida. O calor aumentava, enquanto vozes pareciam se instalar ali, sussurradas, distantes. Silêncio... Abri os olhos e ele estava ali à minha frente, com o peito à mostra, o instrumento na mão e um olhar desconfiando. Senti-me enrubescer, totalmente. Ele não se conteve e sorriu. Tinha um sorriso bonito e irônico nos lábios. Meio sem jeito, deixei o recado que havia trazido para Sandra, a costureira, e me despedi, estendendo-lhe a mão. Por segundos toquei e senti a suas mãos nas minhas. Sim, tinha dedos longos e mãos fortes, daquelas que agarram com vontade. Tratei de ir embora antes que ele percebesse a nova onda de calor que insistia em subir-me

à face. Ao fechar a porta respirei fundo e desci as escadas correndo. Lá fora, já refeita, ouvi novamente as cordas da guitarra gritarem, dando forma a alguma melodia. Olhei para cima e lá estava a blusa, esvoaçando, verde e solta, próxima à janela.

O quadro

O quadro

O escuro da noite atravessava a pequena janela, coberta com uma fina malha de nylon. Por trás, uma flor amarela a balançar com o movimento do vento, revelava-se, tomando-lhe metade de sua forma retangular. Afora a apatia do instante, traços verdes e alguns pontos luminosos de folhas, teimavam em acender-se frente à auréola da lua distante, refletindo em frestas sobre a parede, a única luz que atingia o espaço. Na parede, um corpo deitado, peito desnudo, abdome envolvido com um resto de lençol amarelado compunha uma cena quase monocromática. Poderia ser renascentista, aquele rapaz... Cabelos leves, finos fios caídos ao longo da cabeça e algumas penugens circulando a face pálida afixavam-lhe o rosto. Ele sorria. Os olhos parados demonstravam suavidade, a boca bem contornada apresentava os cantos dos lábios delineados, repuxados para cima. Sim, ele sorria! Ao fitá-lo sua expressão abria os olhos e me via. Aquele lençol pela metade guardava o seu sexo, escondia-o de mim. Suas pernas compridas, descansadas uma sobre a outra, se derramavam livremente sobre a cama, derreado estava o seu peito nu... Sua pele levemente morena revelava mamilos discretos e nenhum pelo em volta. Admirava o conjunto da obra, desejando estar junto a ele.

Como um presságio, o vento entrava sem respeito pela porta da frente e levantava os objetos ali pendurados. Em pouco tempo tudo era movimento no pequeno quarto. Seus cabelos

voavam na confusão. O sorriso dele movia-se me convidando a deitar-me na cama. O seu corpo aconchegante encaixava-se ao meu. Pedia-lhe que me abraçasse forte. Podia ouvir a sua respiração, tocar seus lábios, escorregar-me no suor do seu corpo. Era só fechar os olhos para senti-lo. Meu corpo pesado pedia repouso e uma cama macia aguardava-me ao seu lado, abaixo de sua prisão. Os meus braços o alcançavam e o envolviam. Meu calor, meus lábios quentes e pedintes procuravam os seus. Os cabelos como penas a deslizarem sobre os meus dedos, a minha face roçando a película do seu adorno... Despi-o dos lençóis. Ele tremia ao meu toque. Por um instante, éramos um. Os meus dedos, os seus, a sua língua, a minha, a sua respiração ofegante... Luzes iam, vinham enquanto a flor amarela balançava, freneticamente, ao sabor do vento, a favor de minhas contrações. Minutos depois me via como a um náufrago, afundando na espuma dos travesseiros brancos que se confundiam ao calor ausente, enquanto lágrimas de prazer rolavam sobre o colchão estreito.

Em algum momento o vento parava de soprar e um imenso silêncio assolava o ambiente. Lá fora, apenas a flor amarela aberta assistia a tudo. Orvalhada, felicitava a noite tediosa, enquanto ele, preso na suavidade do seu sono encantado, jazia em sua parede.

A cacimba

A cacimba

Eis que um dia tive a certeza de que não poderíamos.

Mas são tantas as voltas, que as certezas acabaram

E cá estou eu neste mesmo lugar...

Certa vez, em noite chuvosa, trancada em sua casa na esquina dos ventos, ouviu uma forte batida de alguém lá fora. Quem era ele, como vinha, de onde vinha, não saberia dizer assim tão fácil, mas parecia tão firme a certeza que o movia, que mal abriu caminho e lá já se enfronhou sem medida, por entre os vazios e lençóis macios de seus aposentos. Impressionada com as investidas do desconhecido foi abrindo seu mundo devagar e levando-o para dentro. Gostou de pegar em sua mão, a correr os seus lugares, embora a princípio estivesse assustada. Ele dava-lhe as feridas para cuidar, ela o protegia dos ventos fortes que lhe trouxe até ali. No seio de seu abrigo, um pote de mel e uma água fresca com que se fartaram por algum tempo. Mas o tempo passa. Passa e vai embora, sem levar em conta as nossas vontades. E foram-se um dia, mais outro e outros tantos. Sem se darem conta, uma seca medonha lá fora se fazia. E a água, antes farta e transparente ficou escassa e turva. Tão barrenta que já não enxergavam ali nem sombra das silhuetas, antes tão nítidas. Era tão grande e tão devastadora aquela seca que só restava à paisagem uma nuvem grossa de poeira a arranhar-lhes os olhos, quase lhes

cegando. Nada havia a fazer senão partir. Afinal, era provável que houvesse outros abrigos, outros lugares e outros potes de mel e água, restavam-lhes procurar. Ele não esperou até nova sede chegar e partiu. Ela ficou. O caminho dele não era assim tão simples, nem toda a água que encontraria iria ser assim tão cristalina e doce como acreditava que fosse aquela que antes lhe matava a sede. E assim descontente, se distanciava e ia, ia, ia, mas a água ficava cada vez mais difícil, pois longas caminhadas eram necessárias, por isso de vez em quando não aguentava e voltava àquele lugar para tentar refrescar o ardor de sua estrada. De verdade, bem verdade, ele foi-se, mas não assim para sempre. Com muito cuidado, deixou um canalzinho aberto, bem protegido, para que a água não secasse de todo e o vento não empurrasse a areia tapando de vez a fonte. Mas o que ele não contava era que a distância ia tornando a volta cada vez mais difícil e espaçosa. Assim, após longa caminhada, em uma dessas viagens que parece que não acaba tão cedo, sabendo onde podia encontrar ao menos um pouco da água que tanto necessitava, foi novamente se chegando e mais uma vez voltou ao cantinho dela. Encontrou, porém, uma água ainda mais diferente, parece que o sol havia entrado e aquecido em demasia a sua fonte, parece que os ventos fortes forçaram tanto que o restinho de água que havia se espalhara por todos os lugares, deixando-a tão rasa que não dava mais para pegar com a mão, parece mesmo, é que a água já se misturara ao barro de tal jeito que para tirar algumas gotas precisaria de muita paciência para esperar que assentasse. É, mas parece também que escondida por entre os aposentos havia uma cuia cheia, que algum passageiro recolhera antes do desastre e que a fizera sobreviver até ali.

Mas já era tão escuro, seria talvez tarde, e ao que parece ele não sabia de sua origem e por isso não conseguiria achá-la. É bem verdade, nos parece, que ele rodava em meio ao barro, entavando os pés na lama, sem estar seguro se poderia ir em frente. Era tudo tão turvo, não mais a água, mas tudo em volta do lugar que deixara. E foi ficando ali, parado por longos instantes sem saber ao certo o que deveria fazer. E eis que de repente, ela percebeu a presença dele e saiu pelas trilhas de pedras em meio à escuridão. Com ajuda do vento, que a embalava e trazia-lhe o seu cheiro, seguiu até ele. Chegou e sem certezas o encontrou olhando distraído, parece até que a esperava ali tão quieto, naquele lugar. E sentindo a força reconfortante de seu amigo vento, entregou-lhe o sorriso que ainda tinha e molhou-lhe os lábios com saliva morna. E aí, como por milagre, a água começou a jorrar da fonte e os dois embriagados de alegria, sentaram-se ao redor e saciaram suas sedes. Não sabemos se a água voltou como antes, mas quem sabe perceberam que seria preciso mais cuidado para que o pote não se esvaziasse, ou quem sabe, aprenderam como aproveitar melhor a fonte que ali encontraram. Quem sabe, até foram juntos buscar água em outras paragens. Quem sabe ainda, construíram outra cacimba e temperaram com o sabor de agora, e talvez, quem sabe, estão agora embriagados e felizes por lá, regados às estrelas daquele belo lugar. Quem sabe...

*Meu amor
líquido*

Meu amor líquido

Ele não fazia ideia de quanta curiosidade a movia. Queria conhecer cada um dos seus passos. Chegavam a ficar horas, adentrar a noite em uma festa com amigos e, ainda pela manhã, ele rondava a casa. Falava sobre sua vida, seus amores e dores, até dormir esgotado. Instigava-a ao compartilhar suas loucuras. Delírios ou verdades? Pensava enquanto ele chorava, falava, gesticulava e a beijava, entre um e outro desvelamento.

Seu celular estava ali, vivo, recebendo mensagens de seu mundo, seus segredos, suas histórias contadas aos pedaços. Ele dormia ao lado dela, roncava sob o efeito do álcool. Era impassível em sua cama. Irresistível. Que mundo era aquele? Ela se perguntava.

Certa vez, ele dormindo, pegou o celular em suas mãos. Tremia-lhe o corpo consciente do que estava fazendo. O objeto parecia queimar-lhe as mãos. Tentou olhar, mas suas mãos não o seguravam, tanto era a tensão. Não conseguiu. Deixou de lado e dormiu.

Entre um bom dia e uma refeição ele ficava horas trocando mensagens ao celular. Ela o observava mesmo estando atenta aos afazeres diários. Sentavam à mesa com a companhia delas. As mensagens zuniam, chegando uma atrás da outra, ora quebrando o silêncio ora intercalando entre um ou outro comentário do cotidiano.

Aquele pequeno aparelho cheio de prosas fazia parte de uma vida doente, a nossa vida moderna repleta de incertezas. Ele representava o fosso e, paradoxalmente, a ligação entre o mundo

Íntimo e as demandas da sociedade. “Você não têm amigos”, ela ouvia como uma ofensa, embora fosse apenas uma justificativa para tamanha dedicação por parte dele.

Ele tentava relaxar, vez ou outra largava o aparelhinho e retomava um trabalho, olhava para ela e lhe fazia um carinho. Iam para cama, conversavam, se acariciavam. Pareciam entregues ao amor naquele momento, mas não tardava muito para que ele lembrasse os “seus amigos”.

Noites passaram juntos. Festas e mais festas. Falas e sons profundos. Ela poderia esquecer sua curiosidade e seguir em frente, deixando de lado essa provocação. Não foi assim. As revelações dele pela madrugada alimentavam mais e mais as suas perguntas: “Quem é ele? O que ele esconde naquele telefone? Por que o mistério?”

Certo dia, após final de noite e bebidas, ela não recebeu e foi até o telefone. Queria saber, talvez para racionalizar e afastá-lo de sua vida, talvez atçada, apenas, pelo mistério, talvez para tentar entender. Só uma certeza tomava-lhe o pensamento naquele instante, seria difícil encará-lo após essa invasão. Mas não teve medo, não queria pensar nas consequências, abriu o aplicativo de mensagens e leu uma após outra.

A sensação era de uma droga sendo injetada em suas veias. Seu sangue esquentava, sua cabeça girava, seu corpo tremia quase sem controle. Era como se estivesse adentrando a sua alma. Era estranhamente fascinante e destruidor.

Distraída fixou seu olhar ao copo com água sobre a mesa. O que observava através do líquido? Formas revelavam-se ao seu campo de visão, entremeadas pelo copo. Sombras de cores

subjugadas ao formato do copo e à transparência, propriedade inerente à água. Eram referências da coisa conhecida, mas seria a coisa em si ou uma representação? Se não soubéssemos da parede ou da mesa não saberíamos definir o que seriam apenas com as imagens presas ao copo. Não! Ao colocar os dedos na água será alterado o formato da coisa vista através dela. A água aumenta o objeto, ao mesmo tempo em que o limita à forma líquida. A humanidade é líquida, pensou! Adapta-se às demandas sociais, disfarçando as suas vontades mais íntimas, mas as mantém em posse da felicidade instantânea da conexão. Sorriu ao devagar. Ah, a ilusão da liberdade!



O coração acelerou ao pensar no que acabara de fazer. E agora, como agir após saber daquelas informações todas? Seria real ou estaria ela olhando através da água? Mensagens eróticas vindas de vários lugares, nomes variados, faces carentes, alegres, inebriantes, corpos nus entregues, pedintes. Mulheres, compromissos firmados, amores declarados, agendados, rearranjados. Elas estavam ali, presas a um aparelho de celular. Assim como a água presa ao copo. Elas e ele. Não sabia mais o que seria real ou fantasia.

Um esgotamento físico se apossou dela. Havia matado a sua curiosidade, e o seu amor? Não conseguiu mais pensar. Largou o celular no lugar onde o encontrou e deitou-se ao lado dele. Olhou aquele corpo entregue ao sono. Quem seria ele? Sentiu seu calor, o sangue pulsando junto ao seu, ouviu sua respiração... Exausta, dormiu.



Ansiedade

Ansiedade

8h10min. Nenhuma mensagem no celular.

8h30min. Precisava colocar a roupa na máquina, preparar o almoço.

9h30min. Nenhuma mensagem, nenhuma notícia.

O que estará acontecendo? Pensa, enquanto lavava a louça do café.

O sol está lindo lá fora. A chuva deixou o ar limpo, um verde fulgurante.

Aproveita para ajeitar o jardim, estava sem tempo nos últimos dias.

11h00min. Hora de preparar o almoço, nada de notícia. Nenhuma mensagem.

Prepara uma comida, automaticamente.

12h00min. Almoçar. Nada de mensagens no celular, nenhuma chamada.

Lava a pouca louça suja e vai até a varanda dar comida aos cachorros da casa.

12h10min. Vai para o quarto, deita e tenta dormir um pouco, mas sua cabeça não consegue afastar os últimos acontecimentos.

Quadros e quadros indo e vindo. Uma imagem se repete sem cessar. Tenta afastar com a mão como se o gesto pudesse banir o pensamento que insiste em se instalar.

Olha o celular, eram 12h20min. Poderia ficar ali, tentando o sono até às 14h00min.

13h57min. Nenhuma mensagem no celular. Levanta-se, liga a TV, passa os canais, automaticamente. Para ao ouvir a notícia de um crime que acontecera em sua cidade. Um corpo de um homem é encontrado, enterrado na beira do rio. Ela deveria ser mais prudente. Enterrar mais fundo ou jogar o corpo no rio amarrado a umas pedras para afundar e os peixes comerem. Daria menos trabalho, por que enterrar? Ela poderia ter sido menos emocional. A racionalidade é muito importante em uma hora dessas. Ah, mas há o tempo. O tempo é inimigo do crime perfeito. A ansiedade é a morte. Pensou intrigada.

14h00min. Novas notícias na TV sobre o crime. Muda o canal, desliga a TV.

14h01min. Novamente olha o celular. O tempo parece não passar, a solidão é cruel. Deixa um gosto amargo, seco de coisa vazia, uma angústia com sabor do irremediável. Levanta-se do sofá, vai até o espelho do corredor. Olha para o seu rosto envelhecido. Apalpa-o. Visualiza seus olhos vazios, sem lágrimas para irrigá-los. Estica a pele, como se tentasse buscar a vicissitude perdida. Está só, se dá conta. SÓ, IDIOTA! SÓ! Grita sem tirar o olho do espelho. SÓ! Baixa a cabeça como se a lágrima que caísse a derrubasse. Só... Repete, em murmúrio.

Precisava de um chá. Sentada novamente em seu sofá

diante da TV, via as imagens passando, como se estivessem paralisadas. Respirou fundo, olhou o celular: 14h12min.

Ele era muito carinhoso quando tudo começou. O que teria acontecido nesses últimos anos? Eles envelheceram, foi isso? Não tinha mais carne para ele. Ossos revestidos de pele, ele dizia. Pele murcha, ele enfatizava. Nunca entendeu porque o sexo precisava de coisa nova para se manifestar. Ao menos para ele. Se ele quisesse faria qualquer coisa, mas ele estava sempre reclamando, dizendo ser sua culpa a falta de excitação dele. Faltava-me vida. Dizia. Que vida ele queria? Era obcecado por filmes pornô. Ela chorava na cama, sozinha. SOZINHA. Repetia para si. Latejava-lhe o sexo, sufocava-lhe o peito. Chegava a dormir de tanto cansaço. E ele? Ficava por lá, mesmo, na sala, de frente à TV. Muitas vezes acordara no meio da noite com os murmúrios de sexo. Ficava parada na cama, imaginando a cena: ele jogado no sofá, nu da cintura para baixo, imagens picantes de mulheres na tela. Ultimamente, fazia uso desse cenário e de sua imaginação para obter algum tipo de prazer. A tristeza já havia dado lugar à raiva e à indiferença. Viviam como desconhecidos no mesmo teto. Quando isso aconteceu? Nem se deram conta.

15h32min. O tempo passou! Suspirou ao olhar para o celular. Só uma coisa nunca havia mudado nestes anos de casados. Ele saía de casa às 7h45min em ponto e chegava a casa às 17h15min. Do trabalho direto para casa. Ele dizia. Podia calcular a hora exata que ele abriria a porta. 33 anos de idas e vindas, com intervalos no final de semana que ele utilizava para cuidar do carro e dos cachorros. O jardim era tarefa dela. Olhava pela janela e via suas plantas adornando o entorno da casa. Folhas variadas o que ela gostava. Algumas flores apareciam sem que ela desse por conta. Não eram flores comuns, apareciam entre

as folhas uma ou outra, discretamente, como se tivessem medo de se revelar. As folhas eram cheias de vida, exuberantes. As flores eram apenas detalhes opacos diante do verde harmônico. Olhava o jardim em volta e sentia um conforto por sua criação.

16h22min. Uma repentina alegria invadia-lhe o corpo. Era preciso fazer alguma coisa para o jantar. Faria algo bem gostoso, uma carne assada com batatas. Era o prato que ela fazia para ele logo quando se casaram. Ele gostava, mas ultimamente não comentava mais sobre o sabor, apenas comia. Ela ficava triste pela falta de empolgação. Mas naquele dia não queria pensar sobre isso. Sabia que ele gostava, só não demonstrava.

16h30min. Liga a TV, novamente. Precisava escutar algo. Programa fala novamente do crime. Comenta como o homem foi encontrado. Perguntam-se quem faria isso e a motivação. Ora! Mas, o que faria uma pessoa fazer isso? Raiva, medo, frustração, ansiedade. Parou a cabeça e fixou o olhar nas cenas. Seu olhar evadiu e sorriu. Sorriu com os comentários. Quem faria? Uma mulher mal-amada que não teria condições de enfrentar um divórcio, com ódio do que via diante de si. O que era ela com ele? Um resto de mulher. Olhava em volta e ouvia falar-lhe: você nem pra jogar fora presta. Uma pontada de raiva subia-lhe pela nuca. Esquentava-lhe os ossos.

16h35min. Ela cortava as batatas com força, como se tivesse cortando-lhe a garganta. Ele não gosta de pratos com queijo. Envelhece, dizia ele. E alegria de comer, de degustar aquele pedaço sólido de sal e gordura derretido sobre a massa? Arrepiava só em pensar. Queijo e molho, muito molho sobre a massa era o que ela gostava.

16h40min. O telefone toca. Não, ele não está. Não tenho ideia do que aconteceu. Ok, aviso quando chegar. Desliga e segue com o seu jantar. Tem gente que não tem o que fazer. Fica bisbilhotando a vida dos outros. Ele não foi trabalhar. Não foi. Interessa onde ele está? Eu não me importo se ele não chegar. Pensar nisso é um alívio. Suspirou e continuou a trabalhar na cozinha. Tinha uma sensação de embriaguez. Meio anestesiada. Parecia que tremia e ao mesmo tempo sentia um vazio que lhe dava uma leveza. Como se algo tivesse sido retirado dela, arrancado com violência. Uma melancolia acompanhada de uma grande sensação de poder se abancava dela. Orgulho do que havia feito. O jantar estava pronto, no forno.

16h50min. Olhava para o relógio como uma autômata. Não podia esquecer o prato no forno. Comer quentinho era bom, queimado nunca. Olhava para a porta, fixamente. Chegara a ouvir tumulto pela vizinhança, mas deu de ombros. Continuou ali, sentada, esperando a hora para desligar o forno.

16h55min. Sirenes de polícia se misturavam ao tumulto da rua. Olhava para o relógio do celular e pensava nele entrando por aquela porta. Sequer dizia-lhe boa tarde, ou oi, meu bem, ou que cheirinho bom de comida, algo assim. Há tempos que ela era invisível a ele.

16h57min. Barulhos bem perto agora chamavam-lhe a atenção. Franziu a testa, se interrogando sobre o que estaria acontecendo. Lembrou-se da carne. Correu ao forno e desligou. Estava perfeita. Saboreou o prato pelo cheiro. Delícia!

17h00min. Olhou a hora. Chegou a sorrir pensando na rigidez dele com relação ao horário. Podia vê-lo saindo da fábrica às

17 horas. Levava exatos 15 minutos entre o portão de saída e o portão de entrada da casa. Antes de chegar em casa, passava pela loja de vinhos para pegar o seu vinho preferido. Uvas Merlot. Francesas. Uvas francesas! Enfatizava. Mas o vinho chileno era em alta conta, mais adaptável ao clima brasileiro. Dizia o balconista. A comida era o alimento do corpo, o vinho o alimento da alma. Sempre repetia isso ao tomar o vinho. Falava como se tivesse oferecendo a bebida a uma divindade com a taça levantada acima da cabeça, para onde seus olhos se dirigiam.

Costumava preparar o jantar cedo e deixar no forno para não esfriar. Gostava de ficar quieta observando a sua entrada em casa, seguia todos os seus passos. Em silêncio, esperava a hora de servir o jantar à mesa. Ele chegava e já se dirigia ao banheiro, eram 25 minutos exatos até sua saída do banho. Sentava-se no sofá e ligava a TV. 20 minutos passando de canal para canal, sem deixar que nada fosse finalizado da programação. Às 18 horas em ponto sentava à mesa, pegava o prato, servia-se, colocava vinho em sua taça, brindava ao sabor do vinho, levantava-se e voltava para a TV em silêncio. Silêncio. Ausência de palavras dirigidas ao outro. Solidão. Calava-nos e o tempo passava. Eram só eles e o barulho da TV.

17h05min. O pensamento novamente ficou nebuloso ao lembrar-se dos últimos acontecimentos. Cenas que teimavam em voltar iam e vinham sem piedade. Novamente a angústia, um pavor pelo desconhecido tomava conta de seu corpo. Estava sentada à mesa do jantar. Exatamente como ficava após sua chegada em casa.

17h10min. Alguém bateu a porta. Olhou para o relógio disfarçando para si a sua aflição. Não conseguiria levantar. As

pernas pareciam petrificadas, pesavam-lhes como toneladas. Mais umas batidas. Alguém em casa? Diziam lá fora. Alguém, quem? Ela era alguém? Acostumara-se com a sua invisibilidade. Olhava e via a imagem dele dirigindo-se ao banheiro. Uma porta fechava atrás dela. Ouvia o barulho da descarga, do chuveiro. A água fria parecia molhar o seu corpo. Sentia o gelo descer sobre seu colo, suas pernas, até chegar aos pés. Olhava para eles, como se perguntasse se poderiam movê-la até a porta. Ouvia as batidas lá de fora ficando cada vez mais fortes, enquanto mais e mais ela se distanciava dali. Queria apenas gritar. NÃO! NÃO HÁ NINGUÉM! NÃO, NÃO, NÃO! Vão embora daqui. Murmurou em prantos. Não, não havia ninguém ali. Nem ela, nem ele. Nunca mais os veriam. Ela não deixaria que o vissem. Era só ela e ele, apenas isso. Olhava para lâmina da faca em suas mãos e repetia fixamente como um mantra. Não, não haveria ninguém. Vão embora. Não há ninguém. Não somos mais ninguém. De repente uma voz rouca, gritou alto de dentro dela. Deixe-nos! Seguiu-se um silêncio.

17h15min. Um baque forte e, a porta caiu jogada ao chão. Os policiais invadiram a sala.

Estavam ali, ela e ele juntinhos. Uma mão sobre a outra. O corpo dele nu, inerte, sujo de sangue coalhado e estendido em um canto do sofá, já cheirava mal. Ela jogada em volta dele com sangue ainda quente jorrando de seu pescoço e uma faca largada ao chão próximo ao seu corpo já sem vida.

Sobre a mesa posta, uma travessa de carne com batatas, dois pratos, talheres arrumados ao lado, uma garrafa de vinho tinto, uvas tipo Merlot, aberta e duas taças vazias com marcas de vinho bebido.

Olhos d'água

Olhos d'água

Dedos. Anulares que tocam e palpitam sem verem. Se vissem não palpavam. Parece lugar comum, mas as coisas dividem os lugares, por exemplo, barrigas com dedos. E os olhos, o que veem?

Pensava enquanto o mar ia e vinha espumando entre os seus dedos inferiores. Os pés. Olhava para eles e para bolhas brancas que sumiam em segundos, levadas pelo vento e pelo sol morno daquele lugar.

Os ventos sopravam forte naquela época do ano. O mar se agitava, batia com força sobre as pedras, espirrando gotas salobras. Seus olhos observavam o espetáculo e se deliciavam, sorrindo melancólicos ao lembrar-se dos últimos acontecimentos.

A linha do horizonte parecia se confundir com os grandes olhos azuis que o levava distante. A água e a areia fria sobre suas pernas percorriam os caminhos dos dedos. Sentia e os via ali, concentrados, tocando os detalhes de suas pernas e membros. Arrepiava-se só em pensar. Quem disse que o gozo acabava no fim do ato? A busca pelos detalhes vividos pode ser até mais forte que o ato em si.

Você tem olhos lindos. Dizia. Chegava a assustar tamanha profundidade. Eram tão transparentes que pareciam espelhos

d'água. Que exagero, dizia ela. Nunca recebi uma cantada tão estranha. Não estou te cantando, estou encantado. Dizia ele.

Era isso. Aqueles olhos tomaram-lhe a alma. Estava hipnotizado. Em todos os lugares que ela estava seguia os seus olhos. Ela percebia e brincava com a situação. Não tardou muito para que ela o atraísse para a cama.

Não sabia como era afundar na água e ficar imerso, só sentindo o suave movimento de suas ondas. Estar sobre o seu corpo foi assim como naufragar e morrer sem desespero, uma mansidão.

Agora, com seu corpo jogado sobre a areia molhada olhava fixo para o céu. Parecia mergulhado naquele cenário azul. A cor do tudo, do nada, sem fim. Da ilusão.

Tudo nela era interrogação, estar nela era afundar sem saber o caminho de volta. O seu cheiro, sua pele, sua embriaguez quase mórbida, e, aqueles belos olhos azuis.

Lágrimas insistiam em rolar em sua face. Confusão. Intensidade. Foram segundos de êxtase e tudo virava como uma bola de fogo queimando. Sol, o azul do horizonte, tudo se misturava ao gosto salgado que alcançava os seus lábios.

Ela chegou e afundou em seus lençóis e travesseiros. Jogou-se em seu corpo como se não existisse fim. O seu suor ainda grudava-lhe o corpo, colava-os vivos um no outro.

Acordou com o sol avançando em sua janela, sobre os seus olhos. Seu corpo se esticou na cama e os acontecimentos noturnos vieram à tona aos poucos. Lembrou-se dela. Virou-se para o lado, procurou-a com os olhos em todo o quarto. Levantou-se e fez uma busca em casa. Nada! Puxa, ela foi embora assim, sem se despedir, deixar um telefone. Pensou decepcionado.

Resolveu voltar para cama para relembrar o momento vivido. Estava lá com olhos absortos no vazio, quando deu de cara com um papel encostado aos seus pés. Poderia ter ficado ali horas imaginando as delícias que ela havia escrito, mas cedeu à curiosidade. Ela poderia sumir sem deixar rastros e ficaria apenas com aquele momento, mas resolveu deixar um sinal de sua estadia. Parecia tão repleta, tão cheia de harmonia e força. Poderia ser para sempre uma flor desabrochando, mas nem tudo é perfeito. Mesmo a flor tem seu lado sombrio.

O papel sobre a cama e a imagem dela rindo, seus olhos vivos, brilhantes, tudo passava por sua cabeça naquele momento, mas restava-lhe apenas uma mensagem em um pedaço de papel.

“O ocaso é poente, o sol desaparece para dar lugar à noite, é fim, é falência e morte, é vazio visto sob a existência. As definições. Que são elas? Os achados se juntam com as achadas e dividem os lugares. Os vazios se enchem e o sono nos invade. As besteiras se definem pelas coisas que clamam por não serem bestas. Mas, cantar junto na mesma afinação é muito difícil. Aprendo. Sou feliz por ter a chance de viver por 40 anos.”

Como assim, acaso? Viver por 40 anos, o que ela quis dizer com isso? Sem dúvida era enigmática, tanto quanto os seus lindos olhos azuis. Leu a mensagem inúmeras vezes para tentar entendê-la, associá-la à situação vivida. Não, eram devaneios, talvez quisesse abrir um diálogo com ele, não transformar o encontro em sexo, apenas. Poderia ser tanta coisa. Apesar de estranho, de repente lhe ocorreu que poderia ser o seu aniversário de 40 anos. Claro, seria possível. Ela resolveu passar esse dia com um estranho. O acaso existe em todas as coisas. Todos morrem um pouco desde que nascem. O fim dos 40, passagem para os 41, era isso! Talvez quisesse transformar essa data em algo original, daí a mensagem. Queria instigá-lo. Restava-lhe uma esperança, ela iria procurá-lo. Ficou feliz pelas conclusões e seguiu a sua rotina em casa.

O telefone tocou. Demorou até encontrá-lo, quando o achou, parou de tocar. Viu um número estranho no visor e retornou a ligação. Estava fora de área. Tentou algumas vezes durante o dia e nada de atenderem. Pode ser ela tentando se comunicar, mas onde estaria? Pensou.

O dia passou quase tranquilo. Em sua cabeça imagens dos olhos azuis vinham e iam como um vento que havia passado e deixado sua marca pela casa. Olhava para cama e parecia-lhe que estava lá, ou que estaria em algum momento. Pensou como faria para encontrá-la novamente.

Na porta, um homem alto, magro, grisalho e com a face bastante abatida insistia em tocar a campainha. Despertado pela rajada de toques lá fora, saiu do devaneio em que se

encontrava e abriu a porta. Boa noite! Disse o homem. Sim, o que deseja? Perguntou. Eu posso entrar? Retornou. Meio sem jeito, sem saber o porquê, permitiu que entrasse e convidou-o para sentar. Pois, não! Disse, enfim.

O homem desatou a falar. Cada frase dita parecia uma espetada de faca a entrar em seu corpo. Entre uma respirada e outra fugia, se afastava daquelas considerações e a via como a um vulto distante, seus olhos bem longe, aquele azul profundo se confundindo em espelhos d'água. Estava petrificado, seu corpo preso ao chão afundava no sofá, em uma profunda letargia. Ele falava com lentidão, com olhos parados, fixos a um canto da casa, era como se alguém estivesse lendo um texto, com histórias de personagens de um passado bem distante.

Ela tinha um câncer terminal, disse-lhe aquele homem. Sou o marido dela e sei que vocês estiveram juntos ontem à noite. Ela precisava fazer um procedimento cirúrgico de alto risco, marcado para esta semana.

Estava às vésperas da cirurgia. Pensava com angústia, enquanto o homem falava-lhe os detalhes.

Ela decidiu sair e se divertir com as amigas, como se fosse uma despedida de solteira. Ele a seguiu sem ser visto. Viu quando começaram a dançar na boate, viu quando conversaram, trocaram olhares furtivos e, enfim, quando saíram juntos. Seguiu com descrição o casal, até aquela casa e aguardou a sua saída. Ela saiu por volta das 4h15min da manhã. Estava pálida e vomitava muito. Ele aproximou-se e pegou-a em seus

braços. Levou-a para o hospital. A cirurgia foi realizada hoje à tarde, em caráter de urgência. Ela não resistiu.

A última frase saiu com dificuldade como se não fosse completar-se. O homem respirou fundo e olhou para ele como se só agora, o estivesse vendo. Seu sangue gelou. O que estaria passando pela cabeça daquele homem? Como se adivinhasse perguntou-lhe, Você não vai perguntar por que vim até aqui? Gostaria, mas não conseguia. Pensou. As palavras não se formavam, não vinham até a boca. Vim porque gostaria de sentir os últimos momentos de vida dela. Ver você foi o único jeito que encontrei para fazer isso. Disse-lhe. Ele a amava muito e não poderia negar-lhe isso. Só um estranho poderia vê-la saudável e desejável. Ela estava feliz. Obrigado! Disse o homem, que se encaminhou para a porta e foi embora.

Pegou o celular para ligar para alguém. Havia um grito contido, algo difícil de digerir em seu estômago. Percebeu uma mensagem, leu, apenas um nome: Paloma. O número era o mesmo que o havia ligado cedo da manhã.

Afundado na areia tornava a vê-la longe. Olhos d'água. Mar, água, líquido espalhado em um recipiente coberto pela areia, preso à gravidade. Misteriosamente azul. Cor do nada, do sem fim, da profundidade.

Em outra estação

Em outra estação

Estávamos lá, ela, eu e tantos rostos.

Contemplava sua face morena, perfeitamente à vista, já que mantinha os cabelos presos. Alguns cachos adornavam sua nuca. Seu pescoço nu, curvado sobre um livro, no qual seus olhos estavam atentos, enquanto o ônibus atravessava a cidade. Era alta e morena. Alguns segundos se passavam e eu envolta àquela visão que me devolvia a um passado recente, me perguntava: seria ela?

Desceu no meio da trajetória, mas a acompanhei com os olhos, como alguém que procura qualquer sinal de certeza.

Outro dia no metrô, mais uma vez aquela desconfiança subjetiva invadia-me a alma, desta vez miúda, branca, cabelos lisos em tom avermelhado. Apesar de estarmos em trânsito, percebi que possuía uns olhos pretos e muito vivos, talvez tivesse uns vinte e poucos anos. Parecia leve. Com estilo próprio vestia-se com simplicidade, demonstrava independência e altivez. Ao chegar à estação notei que saiu com passos rápidos, mas flutuantes, talvez dance. Seria ela?

Mais um dia em trânsito, uma mulata com lábios carnudos e corpo esguio sentava ao meu lado. Algumas pessoas conversavam à volta dela com intimidade, mas apenas acenava-lhes quando a ela se remetiam. Tinha uma expressão cansada, mas ao

se mexer no banco, parecia dominar os movimentos com precisão, embora o espaço estivesse reduzido e aparentasse um certo incômodo em estar ali. Foi aí que percebi, estava grávida. Alguma coisa em seu rosto, em sua face bonita e triste dizia-me ser solitária. Talvez tivesse por volta dos trinta anos. Seria mais um filho? O metrô saía de estação para estação e ela se arrumando à cadeira, olhando para a barriga, como se ninguém ou nada existisse ao seu lado. Chegamos ao ponto final. Numa enorme fila para subir as escadas de acesso à saída, pensava distante: e ela?

Em outro dia qualquer, desses normais em que tudo é óbvio, saía do trabalho, ia ao curso, como de costume atrasada, e chegando à sala de aula me espantei com o desaparecimento de todos, apenas uma moça concentrada em seus livros. Ao sentir a minha presença levantou os olhos e me acenou com um oi rápido. Eu insisti por sua atenção perguntando-lhe onde estaria minha turma. Ham?! Enquanto ela pensava, observava seus traços. Sobre o nariz óculos grandes e quadrados quase lhes tomavam todo o rosto, mesmo assim não lhes tiravam o charme. Vestia uma camiseta verde, jeans e sandálias de couro. Em uma das mãos uma margarida tatuada. Os cabelos bem pretos cintilavam à luz daquela sala vazia. Custou-me para perceber que já havia começado a falar. “Oi! Como é mesmo seu nome?” A partir dali, nos encontrávamos sempre. Líamos, discutíamos, íamos ao cinema, saíamos com sua filhinha. Em um dia desses, estávamos em sua casa quando alguém bateu à porta. A voz que saía de fora me deixou petrificada. Era ele! Mas como? Perguntava-me. Levantei-me em sua direção. Precisava olhar, quem sabe estava enganada.

Andei lentamente, como se não existisse a possibilidade. Mas estávamos ali, nós dois, um de frente ao outro e um grande silêncio. Um rolo de filme embaralhado começou a rodar na minha cabeça em acelerados segundos. Olhava-a atônita, então era ela! Peguei minhas coisas e segui pela rua. Não, não precisava que entendessem. Ali, tudo já era o fim.

*Os homens
Delas*

Os homens Delas

Ele estava ali, deitado em sua cama como se fosse dele. Homens são assim, pensava ela, sentada na poltrona a olhar a cena. Sorria ao pensar longe em seu homem. Voltava a olhar para tela e lá estava a cabeça dele, apoiada ao cotovelo. Fios de seu cabelo enrolados ao pescoço, abrindo-lhe duas vielas por onde a língua dela se esparramava e se enrolava. O enquadramento da cena era tão perfeito que o gosto da pele quente dele vinha-lhe à língua, chegando a arrebatá-la uma onda irrigada de intenso prazer. De lá, ela cumpria seu papel, escorregando língua acima, abaixo, levando a sua saliva pelos fios, umedecendo-os, deixando-os tesos, desenhando os caminhos, dando passagem às investidas curiosas de seu membro. Da poltrona era capaz de sentir as veias explodirem, o sangue jorrando entre os membros dele, enrijecendo-os, armando-os para defesa... Fechava os olhos, deixando-se ouvir apenas. Sim, agora podia senti-lo contra o corpo dela. Era assim. Afinal, seu corpo sabia o que ele queria e a mão dele conhecia o jeito de fazê-la feliz. Eles sabiam que juntos podiam perder o juízo. Com receio de romper o silêncio em volta, suspirava com cuidado e abria os olhos lentamente, como se não quisesse quebrar o encanto do momento. Enquanto lá, ele como louco procurava aquela boca quente e aberta totalmente às suas investidas, o mundo ocular arrastava o seu corpo pela trilha das lembranças perdidas. E elas chegavam assim faceiras, até disformes, desconsiderando a métrica cronológica entre passado e presente. Sorria delicadamente, na delícia da certeza, enquanto os seus lindos olhos azuis, já marejados, acompanhavam as cenas. Recostada à porta,

ela acariciava-o como se possuísse a fórmula para trazê-lo de volta. Não, não daria mais. Eram lembranças boas até, mas apenas isso. O enquadramento trazia ao ar a melancolia por ela vivida, no momento da separação. Sabia o que ela estava sentindo. Podia dizer-lhe. Era assim mesmo, mas o tempo tem a justa medida das coisas, refletia como se fosse possível confortá-la dali de sua poltrona. Como se respondesse, na tela, uma linda janela era enquadrada, desvendando um campo verde, maravilhosamente iluminado e mais uma vez a melodia invadia a sala, abrindo caminho para a saudade. Ela vinha frenética, arrebatando todo o silêncio, se espalhando pelos corações, dilacerando o peito de quem um dia havia amado. O olhar sereno recheado de carícias do passado deflagrava-se agora, dolorido, perdido no vazio da solidão. Sabia ser ela uma dor malvada. Daquelas que se encarcera silenciosa e vai inflando o peito, como se fosse explodir, sair de vez e não sai. Vai ficando, se debatendo por dentro, até que um dia entra em colapso e o coração não mais suporta, enrijece. Mas um dia desses, enchemos a casa de flores. Resolvemos desafiá-la e abrir novamente a porta do coração para outras ondas torrentes. E começamos tudo novamente, até o dia em que...

A música abraçava o tom de outono das imagens, de folhas ao chão, de fim de calor. Mas ao mesmo tempo em que trazia vida pelo tapete colorido das folhas que voavam e mudavam de lugar, povoava a cabeça dela de uma forte melancolia. A outra em cena aparecia para dizer-lhe daquele momento. Ao olhar pela janela da rua vazia, alcançava as imagens do dia mórbido daquela partida. Ele saiu sem olhar para trás, mas ela podia ver-lhe o rosto, a expressão sem jeito, dolorida, as marcas profundas do cansaço. Ela fechou a porta e ficou a olhá-lo pelo olho mágico. Precisava vê-lo assim, sob as luzes do corredor

que o levava para a rua. Agora estava só e podia chorar. Podia optar por uma coisa ou outra, só não podia mais dividir, cuidar, arriar sua cabeça sobre seu ombro, ser sua mulher... Ajanela se fechara, quebrando o entardecer que ficara atrás. Ela acendia a luz e olhava profundamente para frente. Era o fim.

E lá estava ela, sentada naquela poltrona, presa, contraída de tanta angústia. Seu corpo parecia invadido pela cena daquele instante, atravancando a sua saída para outro lugar. Nem a fome parecia bastante para fazê-la levantar-se. Por alguns minutos uma música de fim de cena a arrebatava dali, fazendo-a atravessar a porta que as separavam. As lágrimas rolavam em sua face, enquanto um olhar fixo dela na tela aparecia-lhe enfático, enorme à sua frente, prendendo-a, como se pretendesse não deixá-la esquecer. A imagem estática e a música melancólica as faziam ficar ali, sem querer mexer-se. Suas mãos procuravam outras mãos, seu corpo pedia um abraço, uma voz ao pescoço, um afago, uma companhia. Queria colo!

Olhou ao lado e percebeu que não havia mais ninguém na sala. Um desconsolo abateu-lhe tão forte que mal podia segurar o soluço contido durante aquelas duas horas de silêncio. O letreiro à sua frente dava sinais do tempo presente, enquanto uma voz conhecida a ajudava a despertar. Meio lentamente seu cérebro tateava o retorno ao ouvi-lo ao celular, Amor, cheguei! Estou aqui na praça de alimentação e vi as pessoas saindo do cinema. Acabou, não? Sim, acabou. Falou com a voz ainda embargada, meio tonta ainda. Levantou-se, baixou a cabeça e andou em direção à saída. Sim, era o fim. A música já acabara e as luzes se acendiam iluminando a realidade que os esperavam lá fora.

Em um canto

Em um canto

A gente se fala. Foi o que me disse ao sair.

Se eu recorro à saudade é porque a solidão insiste em me lembrar do fato de sermos sós. Não me venham com teses e mais argumentos de que precisamos ser fortes, ser positivos, ser isso ou aquilo. Sou, e isso me basta.

Lembro-me de um olhar inquieto e silencioso. Profundo, mas cuidadoso. Receias que eu te invada e descubra os mistérios de tua alma? A pergunta pegou-lhe de surpresa, mas não se intimidou. Quem está fugindo de quem? Perguntou-me e sorriu. Mas desviou o olhar.

Seus dedos experientes passeavam pelas cordas do violão. Saia dali ou ficava? Nunca sabia ao certo. A música poderia ser para mim, pensava, mas não se atreveria a fazer qualquer comentário.

O silêncio de nossas almas compartilhava a sala com a melodia sinuosa conduzida por seus dedos ao violão. A música tentava entrar, mas os pensamentos não deixavam. A vontade de invadir, o desejo de que ele estivesse dentro de mim era mais forte que a vibração dos seus dedos formando acordes.

Ele não parava. Não queria, não poderia parar. Saía dali com a sua música, não me permitiria chegar. Como uma sacerdotisa voltada aos seus fins, não desistiria. O duelo apenas começava.

Nossos olhos se encontravam, mas ele fugia à proximidade. Olhos quentes e ligeiros, profundos, mas incertos de ficar.

Deixei a música acabar. Ele baixou a cabeça para se recolher à memória. Sair dali, a buscar outra sequência de acordes. Levantou a cabeça e me encontrou, a mim e ao meu silêncio ruidoso. Olhou e sorriu, rapidamente. Buscou um copo e bebeu um gole de cerveja, embarcando novamente na música. Parecia ser o lugar mais seguro naquele momento. Arranhava aqui e ali, sem nada de concreto aparecer. Aproximei-me, tirei-lhe o violão das mãos e encaixei-me em seus braços. Encostei minha boca à sua e senti sua respiração. Beije-o e ele puxou-me para si, sentando-me em seu colo.

A música agora era pulsação, respiração e gozo.

*A mochila
amarela*

A mochila amarela

À Lygia Bojunga

Abria aquela porta como se fosse a última vez. Não, não saberia quantos dias e noites até ali. Lá estava ela novamente à sua frente. As chaves? Olhava-as se interrogando, ainda serviam? Sim, entrou. Esperou em vão que alguém viesse recebê-la, mas quem? Caminhou pela sala, tocou os livros da estante, observou as fotos no mural. Tudo parecia voltar: o tempo, a juventude, a mochila amarela. Encontrou-a recostada no sofá, aberta, a esperá-la para preenchê-la. Pegou-a no colo como se a ninasse. Ainda estava ali, como se ninguém pudesse removê-la. Lembrou-se de seu pai. Um misto de orgulho e ranço na hora de oferecer-lhe aquele presente: ela vai lhe ser muito útil, Raquel. Olhava para os amigos e dizia: ela sempre foi assim, meio cigana, igualzinha a mim. Mas não gostava daquele estilo, não. Como podia? Ela era apenas uma menina, se ao menos fosse menino... Seu pai nunca entendeu ou demorou a relevar o que ela trazia de diferente. Bem que podia ser normal, também. Já tentou, mas as vontades eram tantas e maiores do que podia conter. Toda a sua vida foi ali socada: desejos, verdades, dúvidas... Ah, sem falar naquelas vontades que traziam um repertório vasto de escolhas. Jogava-as lá e quando era hora calma, quando estava sozinha, tirava-as de lá de dentro, olhava-as e escolhia uma para seguir com ela no outro dia. As mudanças iam se dando em meio às incertezas, mais tarde, aparentemente atenuadas. Foi melhor assim? Bom,

certas ou erradas foram decisões que a constituiu como era agora, e isso era o que lhe importava. Lembrou-se do velho alfinete que achara na rua. Foi crucial na hora em que suas vontades cresceram a ponto de torná-las públicas. Ah, a infância. Era só imaginar e tudo se resolvia. Se não podia fazer sozinha, criava um personagem e com ele dividia angústias, questões da vida adulta que não conseguia entender. Ai, e aquela vontade de ser menino? Cada situação em que se metia. Pois é! Suspirou e pensou alto: a menina da bolsa amarela cresceu, virou mulher e já tem certeza que não quer ser menino. Hoje tem uma mochila amarela que a leva a outros lugares, com novos sabores.

Muito daquela menina estava guardada, não mais na bolsa amarela, que com muito custo largou. Mas não acabaram as vontades. Afinal, haviam crescido junto com ela e até agora, engordavam e emagreciam como antes, a depender do seu estado de espírito e das coisas que aconteciam lá fora. Ainda tinha a vontade de escrever, mas vez ou outra ela engordava tanto que não cabia em todo lugar. Outras vontades haviam aparecido de repente, como a vontade de beijar. Era tão grande que não tinha sequer onde esconder. Passou, mas de vez em quando voltava e quando voltava tinha que fazer, senão como ia ser? A lembrança de seu primeiro namorado foi se chegando e só não ficou porque uma balada de sopro conhecida adentrou a sala, invadindo todos os vazios daquela madrugada.

Ela respirou fundo, quase duvidosa do que ouvia. Não sabia por que, e nem se arriscava a explicar, mas era curioso como aquela música a perseguia. Apertou os lábios com força, outra

vontade tomava conta dela, agora. Noite quente aquela. Trouxe a mochila amarela para perto de si e sentiu-se acolhida... O calor a fez retomar outro tempo. Mais recente e trazido dos sons daquela vizinhança... Cheio de saudade.

E eram assim as escolhas. Enquanto ela vinha, ele ia não se sabe para onde. Quase podia vê-lo. O sol forte na moleira resguardada por debaixo do chapéu. O corpo magro e forte a caminhar rumo às estradas e retornos da vida. Os passos retos levando-o para longe, entre novos becos e sensações, a novas mulheres, a novos velhos amores. Ainda podia vê-lo, sentir o seu cheiro, o calor das cobertas quentes do amor. Agora andava pela sua casa, como se buscasse a cada cômodo um sinal daquela presença ausente. Um tênis, fitas, um bloco de notas... Era como se ele quisesse se deixar na lembrança do que ficava. E ficava, embora ali não estivesse. Sabia dela. Ela sabia dele. Isto lhes bastava?

Na sala, a mochila entreaberta continuava a esperá-la sobre o sofá. Vazia, tanto quanto ela. Ali estava com aquele amarelo já sem cor. Quantos momentos estiveram juntas, quantos lugares, gente, amores... O sol, o mar, o sal, as longas caminhadas. Muito chão percorrido, solavancos, guinadas, mas aqui estavam.

Novamente uma melodia tomava conta de suas lembranças e outra noite veio até ela. Foi nela, onde a lua e o mar se encontravam que o viu pela primeira vez. Era noite linda, estrelada, como só nesses lugares límpidos podemos ver. Uma mão arredia, um bom papo, e ali estavam juntos, em

corpo e alma. Seguiram por quanto tempo? Ele e Ela. Seria simples se assim fosse, ponto. Não foi bem assim. Escolheram e cada coisa parecia ser bem diferente.

Não sabia o que havia acontecido, não importava mais. Não queria mais dar voltas no mesmo lugar. Colocou os livros e CDs na mochila amarela, sentou-se à beira da cama. Passou a mão pela colcha, olhou-a pela última vez. A mochila amarela continuava ali quietinha, aberta, pronta para o desenlace final. Pensou em tudo que haviam passado: a música, a poesia e aquela vontade de amar. Guardou o cheiro, o sorriso, o sono tranquilo após o amor. Fechou-a e saiu batendo a porta, deixando as chaves por dentro. Levava tudo agora, não precisaria mais voltar.

A mochila amarela estava agora bem cheia. Talvez precisasse esvaziá-la para retomar a vida, mas agora já não tinha mais o velho alfinete. Quem sabe encontraria pelo caminho a casa dos concertos. Alguém haveria de ajudá-la. Seria preciso largar tudo? Como seria isso? Quem sabe a vontade de escrever, que andou magrinha por uns tempos lhe ajudaria a resolver?

Pois a danada da vontade estava forte, corria solta por aquelas calçadas a tentá-la. A cada passada um lampejo de imaginação deixava-a inibida em meio às pessoas na rua. Se ao menos tivesse como escondê-la. Não, era impossível, a mochila amarela estava abarrotada de tanta coisa. Riu e novamente enrubescou, diante de alguém que a observava.

E, à medida que se distanciava dali, seus desejos pulavam da mochila e encontravam outros tantos, soltos pelas ruas, brincando com as possibilidades. Era assim.

Sua mochila, aos poucos, esvaziava-se e ela seguia leve ao encontro do novo tempo.



A Editora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) já publicou livros em todas as áreas do conhecimento, ultrapassando a marca de 150 títulos. Atualmente, a edição de suas obras está direcionada a cinco linhas editoriais, quais sejam: acadêmica, técnico-científica, de apoio didático-pedagógico, artístico-literária ou cultural potiguar.

Ao articular-se à função social do IFRN, a Editora destaca seu compromisso com a formação humana integral, o exercício da cidadania, a produção e a socialização do conhecimento.

Nesse sentido, a EDITORA IFRN visa promover a publicação da produção de servidores e estudantes deste Instituto, bem como da comunidade externa, nas várias áreas do saber, abrangendo edição, difusão e distribuição dos seus produtos editoriais, buscando, sempre, consolidar a sua política editorial, que prioriza a qualidade.





Fátima Oliveira

Trabalhou como animadora e produtora cultural desde os anos 1980, participando de vários coletivos: MOLEC (Natal- RN), MOVACI (Parnamirim- RN) CDI (São Paulo- SP) etc. Coordena o Ponto de Cultura e Cineclube Pium desde 2009, com um trabalho voltado para a criação, produção e exibição de cinema. É poetiza e compositora, tendo alguns parceiros da música potiguar, a exemplo de Ezzo Alencar (disco "Alma de poeta") e Deka Silva (disco "Ao sabor dos ventos") e com o alemão, erradicado brasileiro, Oswin Lohss. O conto "Olhos d'água" foi roteirizado e realizado como curta-metragem em 2010, por Johan Jean e Márcia Lohss. O conto "A cacimba" selecionado por jornalistas, dispostos em todo o território nacional, foi publicado no portal do Coletivo "Overmundo", coordenado pelo professor e antropólogo Hermano Viana (UFRJ). Trabalhou em diversas frentes e, atualmente, é professora de sociologia do IFRN.



Esta é uma obra de ficção organizada em vinte contos nos quais retratamos o cotidiano, urbano e rural, de mulheres representando diferentes papéis: em casa, na rua, no trabalho, na vida. Mãe, mulher, menina, esposa e suas rotinas ou, simplesmente, coisas que viram personagens femininas, como no conto “A casa”. O estilo é diversificado. Propositalmente, percorremos o universo íntimo e controverso entre o fantástico e os problemas concretos de nossos dias atuais em quase crônica, quase prosa, quase versos, como o lírico “Arabela”, personagem da obra de Cecília Meireles, grande presença de nossa infância. Mulheres são livres e voam, fantasiam, desejam, gozam de rir ou sofrem frente às demandas e os limites a elas colocados. “Como se fosse de argila” é título de um dos contos, com ele acreditamos trazer a modelagem social que nos trava, protege, destrói e nos desafia a sermos autênticas, presente em todas as vinte histórias contadas.

ISBN 978-85-94137-41-8



9 788594 137418 >

